

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Mariana Casal Garcez

**A PRODUÇÃO DE REVISTAS EM MEIO VIRTUAL
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
ferramenta ou recurso?**

Taubaté - SP

2013

Mariana Casal Garcez

**A PRODUÇÃO DE REVISTAS EM MEIO VIRTUAL NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: ferramenta ou recurso?**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Linguística
Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em
Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Oliveira

Taubaté - SP

2013

Mariana Casal Garcez
A PRODUÇÃO DE REVISTAS EM MEIO VIRTUAL NAS AULAS DE LINGUA
PORTUGUESA: ferramenta ou recurso?

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Oliveira

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr.: Carlos Alberto de Oliveira - Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi - Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: Marlene Silva Sardinha Gurpilhares - _____

Assinatura: _____

Este trabalho é dedicado à memória de meu avô Custódio, que tanto me incentivou e apoiou na decisão de fazer o mestrado.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial ao meu marido , por compreender minha ausência e apoiar-me nesta caminhada.

Aos meus pais, por me incentivarem a todo o momento, dando forças para aqueles mais difíceis.

Ao Prof. Dr. Carlos Alberto de Oliveira, pela orientação, pelos ensinamentos e incentivo durante os dois anos que convivemos para desenvolver esta pesquisa.

A meu irmão, que com muita paciência, esteve ao meu lado nos momentos finais, com reflexões cuidadosas sobre este trabalho.

À minha amiga Glayse, que compartilhou comigo todos os momentos desta conquista, me apoiando e auxiliando desde o início desta jornada.

Aos meus ex-alunos que prontamente aceitaram que suas produções fossem o objeto de pesquisa deste trabalho

As minhas irmãs, que indiretamente me deram suporte nos momentos de angústia, de maneira muito compreensiva.

Aos meus avós e minha tia, que estiveram comigo durante o processo, torcendo e comemorando a cada conquista.

À minha querida professora e amiga Maria Adelaide de Freitas, que me acompanhou desde os primeiros passos deste trabalho até o final.

“O mais difícil, mesmo, é a arte de desler”.

Mario Quintana

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar como o uso de recursos da tecnologia digital pode contribuir tanto para o desenvolvimento da produção textual em aulas de Língua Portuguesa quanto para o multiletramento dos alunos. Visto que as tecnologias digitais de informação e comunicação estão cada vez mais inseridas no cotidiano dos alunos, espera-se que a escola acompanhe essa evolução e traga essas tecnologias para dentro da sala de aula, fazendo um elo entre as práticas escolares e a realidade que cerca o aluno fora dos muros da escola. Porém, aparelhos de tecnologia avançada são comprados, instalados e muitas vezes não deixam de ser meros adornos, já que os professores que poderiam deles fazer uso dos mesmos, não foram ensinados, preparados e treinados para tal. Por outro lado, desde a infância os alunos estão conectados, aprendendo a manusear todos esses acessórios práticos e versáteis, antes limitados pela impossibilidade de fácil mobilidade. Levando tal possibilidade em conta, tomou-se, como foco desta pesquisa, a proposta de modificação de um projeto anual da disciplina de Língua Portuguesa, cujo objetivo inicial era a produção de revistas impressas, mas que passou a ter como propósito a produção de revistas virtuais, que seriam publicadas em um blog criado, especialmente, para tal fim. Tais revistas foram desenvolvidas por alunos do 8º ano de uma escola particular, os quais foram divididos em grupos, e cada grupo ficou responsável pela produção de uma revista, para serem desenvolvidas de acordo com critérios decididos pelo grupo. De todas as produções, três foram selecionadas para serem analisadas. Os itens analisados foram: as capas, a introdução da reportagem principal e as reportagens principais de cada uma delas. As análises foram feitas sobre o viés teórico do Letramento, Letramento Digital e Linguagem Virtual. Os resultados apontaram para o fato de que não basta mudar o meio em que a produção é publicada, é necessário que professores e alunos saibam fazer uso das ferramentas e dos recursos tecnológicos para que aconteça de fato o desenvolvimento de uma revista virtual. Contudo, percebeu-se que o uso das tecnologias foi feito apenas como ferramenta e não como recurso.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento, Revistas Virtuais, Recursos Tecnológicos, Ferramentas Tecnológicas.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how the use of digital technology can contribute to both the development of writing in Portuguese classes as for multiletramento students. Since digital technologies for information and communication are increasingly embedded in students' everyday lives, it is expected that the school follow this trend and bring these technologies into the classroom, making a link between school practices and the reality that some the student outside the school walls. However, advanced technology gadgets are purchased, installed, and often do not cease to be mere ornaments, as teachers who could use them to do the same, have not been taught, trained and prepared for this. On the other hand, since childhood students are connected, learning to handle all these accessories practical and versatile, once limited by the impossibility of easy mobility. Taking into account this possibility, we took as the focus of this research, the proposed modification of an annual project of the discipline of Portuguese, whose initial goal was the production of printed magazines, but which now has as its purpose the production of magazines virtual, which would be published on a blog created especially for such finality. The magazines were developed by students of the 8th year in a private school, which were divided into groups, and each group was responsible for producing a magazine for be developed according to criteria determined by the group. Of all the productions, three were selected for review. The items analyzed were: the covers, the introduction of the main story and the stories of each key. Analyses were made on the theoretical bias of Literacy, Digital Literacy and Language Virtual. The results pointed to the fact that not just change the way in which production is published, it is necessary that teachers and students know how to use the tools and technology resources to make it happen in fact the development of a virtual magazine. However, it was noticed that the use of technology was done only as a tool and not as a resource.

KEYWORDS: Literacy, Magazines Virtual, Technology Resources, Technology Tools.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1. Capa da Revista OLHE	45
Figura 2. Capa da revista <i>Politicamente Incorreta</i>	48
Figura 3. Capa da revista <i>Guará Sports</i>	51
Figura 4. Reportagem principal da Revista Olhe.....	58
Figura 5. Reportagem principal da Revista <i>Politicamente Incorreto</i>	60
Figura 6. Reportagem principal da Revista <i>Guará Sport</i>	62
Figura 7a. Reportagem 1 (continua).....	66
Figura 7b. Reportagem 1 (continua).....	70
Figura 7c. Reportagem 1	72
Figura 8a. Reportagem 2 (continua).....	74
Figura 8c. Reportagem 2.....	76
Figura 9. Reportagem 3	78
Tabela 1. Análise da Revista Olhe	80
Tabela 2. Análise da Revista <i>Politicamente Incorreta</i>	81
Tabela 3. Análise da Revista <i>Guará Sport</i>	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1. Considerações iniciais.....	18
1.2. Um <i>Blog</i>	20
1.3. Letramento	21
1.4. Letramento digital.....	28
1.5. Linguagem virtual	31
1.6. Multimodalidade	35
1.7. Ferramentas e recursos tecnológicos	39
2. ANALISANDO OS TEXTOS: UM OLHAR MAIS PRÓXIMO NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS	41
2.1. Considerações iniciais.....	41
2.2. As Produções.....	43
2.3. Resultados das análises.....	79
CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS.....	87

INTRODUÇÃO

Durante dez anos venho me dedicando ao ensino de Línguas em escolas particulares e públicas. O começo desta caminhada teve início ainda antes do meu ingresso no curso de graduação, trabalhando naquele momento no ensino da Língua Inglesa. Todo o meu processo de formação pautou-se por um ensino tradicional e não muito inovador.

Foi durante a participação em um projeto extracurricular no curso de graduação que entrei em contato com os termos Letramento, Letramento Digital, Linguagem Virtual e seus usos, o que me chamou bastante a atenção, ainda mais porque muitos dos meus professores universitários também não estavam totalmente cientes sobre essa vertente dos estudos linguísticos e por essa razão, ainda não conheciam suas implicações.

Foi a partir, então, de um convite para o desenvolvimento de um projeto extracurricular para a prefeitura da cidade, em cuja universidade estadual eu estudava, que a importância do Letramento e das teorias sucessoras a ele passaram a fazer algum sentido para mim. Contudo, ainda me faltava conhecimento para desenvolver atividades que envolviam tais conteúdos. Depois de terminado o curso de graduação, iniciei como aluna especial, as disciplinas: Introdução aos Estudos do Letramento e Introdução aos Estudos do Letramento Digital, como aluna especial do curso de pós-graduação da Universidade de Campinas, no qual tive um contato mais direto e efetivo com os conteúdos títulos das disciplinas. No ano de 2011, após finalizá-las, efetuei algumas modificações no material didático anual usado para trabalhar com meus alunos de Língua Portuguesa (doravante LP), em uma escola particular na cidade de Guaratinguetá, na tentativa de colocar em prática o que havia aprendido, tornando o projeto anual de desenvolvimento de uma revista, um meio de desenvolver o letramento crítico e digital com os alunos, visto que nos dias de hoje o uso de ferramentas digitais é considerado essencial.

O referido material traz como projeto pedagógico o desenvolvimento e produção de revistas, as quais seriam elaboradas a partir da produção de diversos gêneros textuais próprios desse meio de comunicação que seriam desenvolvidos ao longo do ano. Em um primeiro momento, não me parecia viável a produção de

revistas que teriam como objetivo final a elaboração e impressão de um único exemplar, visando a um único leitor. Esse fator já gerava em si uma falsidade contextual, visto que nenhuma revista tem um único leitor como público alvo, ainda mais quando este leitor é o professor, que fará a leitura de forma avaliativa. Portanto, a partir de uma conversa com os alunos, resolvemos que as revistas seriam publicadas em meio virtual, tendo assim a possibilidade de serem acessadas por muitos leitores, inclusive aqueles que participam do cotidiano desses alunos.

Desde o início, os alunos se mostraram muito animados e já preocupados com a qualidade das produções que fariam. Muitas questões foram abordadas por eles, como os meios de divulgação das revistas, local em que seria publicada virtualmente, e os conteúdos que poderiam ser desenvolvidos. Ficou acordado que um blog seria criado, e que durante o ano letivo, muitas das atividades de produção escrita, mesmo não estando vinculadas com as revistas, seriam publicadas em tal blog com o intuito de divulgação das produções dos alunos.

Não foi prioridade trabalhar com os alunos questões diretamente relacionadas ao Letramento Digital, mesmo porque eu não teria tempo disponível para desenvolver com eles conteúdo tão profundo. Algumas questões superficiais de Letramento Digital, porém, foram apresentadas como forma de averiguação do conhecimento e uso dos meios virtuais pelos alunos. A grande maioria se dizia conhecedora e utilizadora dos meios e ferramentas virtuais, como celulares, *internet*, *sites* de busca, *blogs*, *sites* de relacionamento, *sites* de conteúdo informativo, entre outros, mas nenhum deles tinha, até então, utilizado os esses meios para desenvolver atividades escolares, a não ser na utilização de sites de pesquisa.

Minha abordagem inicial previa uma análise rápida por parte dos alunos sobre as revistas que estão disponíveis virtualmente, averiguando seus formatos, conteúdos e a utilização dos recursos digitais. Foi pedido a eles que, durante o período de produção das revistas, dessem atenção especial àquelas encontradas na *internet*, para que pudessem utilizá-las como orientação para a fabricação de suas próprias. Ao final do primeiro mês de contato com esses meios de publicação digital, os alunos chegaram à conclusão de que eram poucas as diferenças entre o formato impresso e o formato virtual. Foi a partir desta constatação que preferi não trabalhar

mais detalhadamente as questões mais profundas do Letramento Digital, como uso de mecanismos exclusivos deste meio.

Uma proposta de mudança no projeto anual de produção da revista foi então, feita com o aval dos alunos, e o primeiro questionamento feito por eles foi onde a revista seria publicada. Depois de verificarmos as possibilidades, ficou acertado que um *blog* seria criado, e que eu, como professora seria responsável pela manutenção e postagem dos textos após a verificação do conteúdo das produções, ao mesmo tempo em que os alunos se encarregariam de divulgá-las para quem se interessasse.

Após a decisão de utilizar o *blog* como plataforma de divulgação das revistas virtuais, tornou-se indispensável conhecer de fato o que são os *blogs* e quais são suas origens. Questionamentos quanto ao uso, às funções, às facilidades possibilitadas pela versatilidade dessa ferramenta foram aparecendo. Contudo, algumas questões surgiram: se os *blogs* são tão práticos e de fácil utilização, o que impede professores de os utilizarem como catalisadores do aprendizado?

. Com o crescimento do acesso aos meios digitais, alunos de escolas públicas e particulares têm dedicado grande parte de seu tempo ao uso de tais recursos, se comunicando, pesquisando, aprendendo e estudando em ambientes virtuais.

Por sua vez, receios surgidos pela falta de conhecimento e treinamento adequado fazem com que grande parte dos professores ainda se privem das inúmeras vantagens oferecidas pela tecnologia. Porém, o acelerado ritmo de desenvolvimento tecnológico impõe à sociedade e, conseqüentemente, aos professores, uma marcha direcionada à utilização das ferramentas digitais. A cada dia que passa eles estão tendo que se adaptar às novas maneiras de ensino, fazendo com que outros modelos de atividade, que há tempos atrás só poderiam ser desenvolvidos em sala de aula, possam, agora, ser feitos em casa, com o auxílio de instrumentos tecnológicos.

Pensar em usar o ambiente digital como meio de melhorar o desenvolvimento da produção textual, fomentando tal produção através de recursos inteiramente novos e contextualizados com a vida globalizada do século XXI pareceu-me,

portanto, uma ideia instigante. Se, por um lado, os professores verão seus alunos produzindo mais e com melhor disposição, por outro, os próprios alunos estarão mais interessados em produzir seus trabalhos, pois estarão vivenciando uma experiência de produção real, ou seja, terão verdadeiros leitores que avaliarão suas produções sob diversos aspectos.

Na elaboração do *blog*, alguns cuidados foram tomados, como a praticidade de manuseio e maneiras fáceis de encontrar as produções expostas, como criação de abas que dividissem por alguns critérios as produções, a divisão por turmas, na qual as produções de alunos de turmas diferentes ficavam em locais diferentes.

Além de elaborarem suas produções, os alunos tinham uma função ativa direta, desempenhando o papel de leitores dos próprios colegas, fazendo críticas construtivas ao mesmo tempo em que aproveitavam para aprimorar seus próprios trabalhos. Desta forma, todos os textos produzidos pelos alunos poderiam ser publicados, desde que seguissem alguns critérios estabelecidos no início do projeto, como escolha adequada de vocábulos, não citação de nome de colegas, boa apresentação, correção prévia pelo professor. O aluno também poderia escolher pela não publicação, o que não foi um fato frequente.

O grupo era formado por duas turmas de 26 alunos cada, todos com idade entre 13 e 15 anos e com acesso à *internet* em casa, e/ou através do uso de celulares. Todos os alunos eram considerados letrados pelos professores de todas as disciplinas, porém, de acordo com os parâmetros apontados por Terzi (2008) a qual considera pessoas letradas todas aquelas que conseguem compreender a relação que indivíduos e comunidades estabelecem com a escrita nas interações sociais, os alunos mostraram algumas dificuldades no decorrer do processo.

É claro que, expostos a situações não comuns a suas realidades, os alunos se mostravam inseguros, mas ao longo do projeto foram capazes de desenvolver técnicas que lhes permitiam contextualizar e realizar as atividades propostas, como por exemplo a produção de resenhas e resumos dos materiais pesquisados no meio digital, de onde tirariam as informações necessárias para a produção dos textos da revista.

O que muito me chamou a atenção foi a dificuldade de grande parte dos alunos em elaborar textos, diferentemente da prática enraizada do “copia e cola” a que estavam habituados. Percebi que eles estavam acostumados a fazer os trabalhos escolares de maneira imprópria, simplesmente realizando pesquisas de caráter escolar em *sites* nem sempre confiáveis, copiando as informações de maneira generalizada, imprimindo e entregando aos professores, muitas vezes sem nenhum entendimento do assunto pesquisado.

Para que essa prática fosse revisada e finalmente abolida, algumas aulas foram utilizadas para a explicação do que vem a ser a cópia e o que vem a ser um resumo ou resenha. Além dessas explicações e atividades de assimilação, os alunos tinham que me enviar todo material produzido por *e-mail*, para que eu pudesse ter um controle e certa facilidade de verificação da credibilidade dos conteúdos produzidos.

A adoção da ferramenta *e-mail* facilitou muito o meu trabalho como professora e permitiu um contato mais constante com os alunos fora do ambiente de sala de aula. Caso os textos fossem simplesmente copiados da *internet*, os alunos eram notificados de que a produção estava inválida até que ela fosse produzida do modo apropriado, segundo orientações recebidas.

Cada parte copiada era marcada e o endereço de onde foi retirada era indicado ao lado, em forma de bilhete, para que aluno pudesse entender que aquele trecho ou texto inteiro não tinha sido escrito por ele. Inicialmente, esta ação causou certo desconforto, fazendo com que alguns alunos se sentissem desmotivados para a produção da revista devido à dificuldade encontrada por eles em produzirem seus textos. Passada a frustração inicial com a não possibilidade do “copiar e colar”, os alunos me procuraram, por meio de mensagens por *e-mail*, na tentativa de uma produção satisfatória.

Com esta aproximação, a motivação da grande maioria dos alunos que estavam com dificuldade voltou, fazendo com que um alto número de textos fosse produzido de forma adequada. Infelizmente, alguns alunos não conseguiram realizar as produções, se mostrando não totalmente letrados para aquele contexto.

Diante desse relato, pergunta-se: a produção de revistas virtuais em aulas de português usa os meios virtuais como ferramentas ou recursos?

Este trabalho de pesquisa tem como *corpus* três revistas publicadas em meio virtual (www.papelvirtualnarede.blogspot.com), como já indicado, produzidas por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Estas foram desenvolvidas como resultado de um projeto pedagógico de elaboração de uma revista que tem como objetivo proporcionar aos alunos uma aprendizagem mais dinâmica, funcional e comunicativa através de um olhar diferenciado para as práticas escolares que estão em um movimento de contextualização com as novas tecnologias.

O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar se o uso de recursos da tecnologia digital pode contribuir tanto para o desenvolvimento da produção textual em aulas de Língua Portuguesa quanto para o multiletramento dos alunos.

Já os seus objetivos específicos, para atender ao geral, são os seguintes:

1. Analisar a produção de três (3) capas de revistas elaboradas pelos alunos com relação ao aspecto da produção textual, visual (imagens, chamadas, cores e diagramação)
2. Analisar três (3) reportagens com relação à produção textual quanto aos aspectos tema, título, construção de texto, diagramação e imagem;
3. Refletir sobre a possível contribuição do uso dos recursos da tecnologia digital para o multiletramento dos alunos a partir da produção dos textos analisados.

Para alcançar tais objetivos, será feita uma análise pontual dos textos à procura de elementos que nos permitam concluir a existência ou desenvolvimento das questões abordadas nos itens acima. Por análise pontual entende-se que cada tópico sugerido na análise seja verificado separadamente.

Essa pesquisa será dividida em 2 capítulos. O capítulo 1 constituirá uma base teórica que será usada para fundamentar a análise e a discussão dos dados, abordando assim o que vem a ser letramento, letramento digital, linguagem virtual, multimodalidade, e ferramentas e recursos tecnológicos, conforme permitem os dados.

No capítulo 2, os dados analisados serão apresentados e discutidos de acordo com os objetivos. As conclusões sucederão ao capítulo 2, retomando os objetivos da pesquisa e verificando se foram ou não atingidos.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Considerações iniciais

A sociedade, nos dias de hoje, pode contar com diferentes recursos, e em sua maioria ligados a tecnologias digitais, como celulares, computadores, projetores, *internet*. Os avanços surgem com uma velocidade nunca vista em outros tempos. Hoje, pode-se ter acesso a inúmeros dados oriundos das mais diversas fontes. Se por um lado essa grande quantidade de informações pode nos deixar desorientados e confusos, por outro, as novidades tecnológicas e suas implicações podem servir como importante fonte motivadora para o aprendizado no século XXI, visto que o conhecimento está amplamente disponível e é de fácil acesso nesses meios.

Na sala de aula, porém, os avanços tecnológicos não chegam com tanta rapidez, ou muitas vezes até chegam, mas não são contextualizados ao ambiente em que estão sendo inseridos. Aparelhos de tecnologia avançada são comprados, instalados e muitas vezes não deixam de ser meros adornos, já que os professores que poderiam deles fazer uso dos mesmos, não foram ensinados, preparados e treinados para tal. Por outro lado, desde a infância os alunos estão conectados, aprendendo a manusear todos esses acessórios práticos e versáteis, antes limitados pela impossibilidade de fácil mobilidade. Os adolescentes, principalmente, se mostram inseridos nesta conjuntura, diferentemente de seus pais e professores que sentem certo receio, e muitas vezes, dificuldades em adaptar-se ao novo.

Porém, uma questão importante, que vem sendo muito discutida, é como implantar tais tecnologias em salas de aula sem que os alunos se percam diante de tantas variáveis, e como professores podem lidar com as diversas possibilidades existentes no manuseio das tecnologias com um número excessivo de alunos por turma, sendo que vários deles apresentam ritmos de aprendizagem diferentes, sem estarem prévia e exaustivamente preparados para isso. Saber fazer uso das tecnologias de forma a desenvolver o senso crítico desses adolescentes para que possam distinguir situações múltiplas encontradas nas redes virtuais e, assim, terem a capacidade de se posicionar em relação a elas de maneira madura, com um olhar crítico, não é uma tarefa fácil.

Diante do manuseio de tantos acessórios virtuais, uma segunda questão que chama a atenção é o uso da linguagem escrita mesclada pelos jovens com a linguagem oral, parecendo assim que no ambiente virtual eles formam espécies de “tribos”, cada uma com uma linguagem própria. “A linguagem adotada no mundo virtual requer habilidades de escrita rápida para esta geração *net*, o que cria uma solução intermediária de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos” (AMARAL, 2003, p. 31). A utilização constante desta “nova” linguagem dos ambientes virtuais vem criando uma nova forma de comunicação e de uso da língua materna, pois a comunicação que deve ser rápida, concisa e eficaz, muitas vezes foge à norma padrão.

Segundo Amaral (2003), no processo geral de aprendizagem da escrita, os alunos estão perdendo a capacidade de escrita formalizada, leitura, interpretação e até mesmo de raciocínio. O que chama nossa atenção é a sua dificuldade de produzir um texto ou fazer a leitura de um livro de modo considerado pela escola como adequado bem como de saber relacionar as questões lidas ou usadas em tal produção com o seu dia a dia. Essa maturidade intelectual pode ser observada mais de perto com o crescente uso do “copia e cola”. Antes da era digital, quando livros, almanaques, enciclopédias, revistas e jornais ainda eram as principais fontes de pesquisa, havia obrigatoriamente a necessidade de leitura atenta desse material por parte dos alunos. Não que naquela época não fosse hábito a prática do “copiar e colar”, mas necessariamente o aluno deveria servir como filtro, selecionando corretamente os trechos que mais interessavam ao seu trabalho. Sendo assim, pode-se concluir que, com o uso desse método de pesquisa o estudante ainda era capaz de aprender alguma coisa, de absorver algum conteúdo. Hoje, avançados recursos de busca e pesquisa têm a capacidade de selecionar o material de interesse dos alunos rapidamente. Desse modo, tornou-se dispensável uma leitura prévia do conteúdo pesquisado, o que acabou por criar lacunas nos resultados de seus desempenhos escolares.

Conclui-se, portanto, que o contato crítico com diferentes discursos e vários modelos culturais em âmbito local e global é fundamental à formação dos sujeitos, pois eles se constituem (no aspecto do letramento) por meio das interações verbais que estabelecem com seus interlocutores. Na verdade, as diversificadas linguagens

sociais, as ideologias, os tipos de letramento e as relações de poder, presentes em tais interações, são definidos por Gee (2005) como formas de discurso, ou seja, os discursos explicitam o pertencimento dos indivíduos a uma comunidade de prática cultural específica. Dessa forma, os discursos valorizados socialmente são chamados de *dominantes* e contribuem para explicar as diferentes identidades sociais. Ser letrado, segundo Dionísio (2007, p. 99), é ser “[...] capaz de usar a variedade de linguagem certa, do modo certo dentro de um dado discurso”.

A partir de tais concepções, e levando-se em conta os objetivos propostos para a pesquisa, pretende-se, aqui, avaliar o desenvolvimento dos textos dos alunos, ponderando sobre o uso da linguagem, da linguagem virtual e do desenvolvimento de hipermídias.

1.2. Um *Blog*

Os *(we)blogs*, junção de *web* (rede de computadores) e *log* (diário de bordo de navegadores) foram criados para que pessoas pudessem publicar seus textos na internet sem custos. Para utilizá-los, não é necessário que o usuário tenha grande conhecimento em informática, bastando apenas aprender como atualizá-lo. Além de sua simplicidade, o *blog* tornou-se uma ferramenta popular devido ao custo zero e a diversidade de recursos disponíveis, os quais, por sua vez, possibilitam sua configuração de forma altamente personalizada. Com o tempo, essa ferramenta foi descoberta por pessoas comuns e empresas, e muitas vezes utilizada como formato de *site*. No final do século XX e início do XXI, os *blogs* se proliferaram. E foi a partir da criação do *software* Blogger em 1999, que se deu sua grande popularização. Miller (2009, p. 76) complementa que os *blogs* apresentam entradas datadas, iniciando da mais recente, podendo também apresentar *links* para outras páginas.

Os *blogs* foram considerados, por muito tempo, diários virtuais. Enquanto que o diário pessoal ou íntimo impresso era guardado em segredo, no *blog* pessoal essa não é uma preocupação. Porém, esse modo de utilizá-lo está se ampliando cada vez mais. O *blog* é uma ferramenta que possibilita ao escrevente atualizar de maneira rápida seus textos, administrá-los e interagir com o leitor.

Na educação, o uso da ferramenta *blog* foi iniciado com os chamados *blogs* educacionais. Estes possibilitam vantagens tais como discussão de livros, exposição de ideias, debates sobre notícias cotidianas, criação de projetos, dentre uma série de outras atividades em que o professor poderia explorar de forma pedagógica. No caso do *blog* “Papel Virtual”, o objetivo é publicar as produções dos alunos para que tenham um motivo real para suas produções escritas. Com isso, o docente, de língua materna e/ou estrangeira, possui mais uma ferramenta pedagógica para incrementar suas aulas presenciais.

De acordo com a visão Vygotskiana de interação (VYGOTSKY, 1988), ela é função mediadora no desenvolvimento cognitivo. Parece não haver uma interação real, ou pelo menos realista, na produção quando o aluno só tem como retorno uma nota avaliativa. A exposição dos textos em espaços da *internet* amplia a possibilidade de desenvolver a interação autor/ leitor, o que pode resultar numa vivência mais significativa para ambos.

1.3. Letramento

O termo “Letramento” integra há pouco tempo o discurso de especialistas das áreas de Educação e de Linguística Aplicada. O fato de o vocábulo “Letramento” não ser encontrado no Brasil até meados da década de 80 reflete a importância dada em nossa cultura ao papel da leitura e da escrita na vida dos brasileiros e sua variação em diferentes contextos culturais. Segundo Cavalcante Junior (2012), foi na segunda metade do século passado, mais especificamente em 1986, que o termo “Letramento” surgia no cenário educacional brasileiro.

Segundo Terzi e Ponte (2006), letramento representa a relação que indivíduos e comunidades estabelecem com a escrita nas interações sociais, podendo essa relação ser:

mais ampla ou menos ampla, mais profunda ou mais superficial conforme o uso maior ou menor da escrita; conforme o conhecimento das situações sociais que envolvem esses usos, do significado que tais situações têm para a comunidade, das formas que o texto escrito pode ter para uma dada função social, das relações de poder que influenciam todo uso social da escrita; conforme a valorização dessa modalidade da língua, as crenças sobre ela etc. (TERZI; PONTE, 2006, p.3)

Soares (1998, p.15), por seu turno, define o termo “Letramento” como uma versão da palavra inglesa “*literacy*”, que significa pessoa educada, especialmente capaz de ler e escrever.

Ainda para Soares (1998, p.17) existe um “enlace”, uma “conexão”, entre Alfabetização e Letramento. Além dessa concepção de Letramento, está a possibilidade de que a escrita pode trazer consequências de ordem social, cultural, política, econômica e linguística, “quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la”.

Nos dias atuais, muito se tem comentado sobre ‘Letramento’. Assim, suas implicações atuam em um processo dinâmico que abrange todos os aspectos da atividade social, tais como familiares, comunitários, profissionais, religiosos etc. Contudo, entende-se que o sujeito não aprende unicamente pelo que tem de individual, uma vez que o meio participa de maneira integrante em sua formação e o influencia de maneira decisiva no seu modo de compreender e vivenciar o mundo. Por isso, dominado por relações com pessoas que vivam no mesmo contexto, o indivíduo testemunha e participa da produção de uma nova linguagem que seja capaz de atender as suas necessidades.

Para compreender o significado de letramento, recorre-se, inicialmente, a Kleiman (2001, p.17), que observa, à época, que “a palavra letramento não está dicionarizada. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito”. Também pela complexidade de seu significado, pode-se dizer que os educadores, além de não estarem preparados para orientar-se por essa concepção (pois para grande parte deles, letramento ainda está ligado à alfabetização e à escolarização), não conseguem compreender e colocar em prática o verdadeiro letramento, sempre o aplicando simultaneamente à escolarização.

Segundo Soares (1998, p.18) há, no letramento o pressuposto de que exista um “elo”, uma “conexão”, entre ele e a alfabetização. Paralelamente a essa ideia, subentende-se também que a escrita pode trazer consequências de ordem social, cultural, política, econômica e linguística, “quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la”.

Já para Signorini (2001, p. 161-162), a questão da não dissociação da alfabetização com o letramento acontece porque no Brasil, onde a hierarquização socioeconômica se reproduz nas desigualdades de acesso à escrita e à cultura letrada, o fator letramento tende a ser visto como credencial para o sucesso nas várias formas de ação na comunidade, por meio da linguagem e, por conseguinte, nas várias formas ‘civilizadas’, ou ‘legitimadas’, de exercício de poder e de controle sobre situações e indivíduos. Entende-se, então, que no tempo e no espaço da escolarização, aprende-se um determinado discurso e

[...] as pessoas podem se tornar capazes de realizar tarefas escolares de letramento, mas podem permanecer incapazes de lidar com os usos cotidianos de leitura e escrita em contextos não escolares – em casa, no trabalho e em seu contexto social. (SOARES, 1998, p.100).

Podemos observar, no entanto, que alfabetização e letramento participam de uma dinâmica correlacionada, sem ponto final, ordem, sequência ou restrição ao sistema escolar, já que cada sujeito possui algum grau de letramento, mesmo que seja mínimo.

Porém, muito ainda se considera a partir desta visão sobre alfabetização, não deixando para tal a simples habilidade de decodificar a linguagem. A partir disso, foi traçada uma definição mais abrangente para letramento, que Kleiman (1995, p. 19) aponta como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Para Street (1995, p. 35), “letramento é um processo de aprendizagem social e histórico da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos”. Quando apenas esse letramento é desenvolvido, realiza-se uma prática de escolarização letrada denominada *autônoma* (STREET, 2003) e pressupõe-se que o conhecimento do sistema linguístico, por si só, possibilitaria a interação por meio do uso da língua nas diferentes esferas sociais. Street (2003) também considera o modelo de letramento que denomina de ideológico. Tanto o autônomo quanto o ideológico passam a ser amplamente discutidos por vários estudiosos da questão, como Kleiman (2001) a seguir.

A autora, então, explica que, no modelo autônomo, a escrita, e a partir dela a leitura, são vistas como blocos completos em si mesmos e o letramento é compreendido como um fenômeno isolado de qualquer tipo de interação. Desta forma, não se considera fatores sociais de produção e interpretação. Este modelo, portanto, caracteriza-se por pressupor uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento, quase sempre associada a resultados e efeitos civilizatórios, de caráter individual (cognitivos) ou social (tecnológicos, de progresso e de mobilidade social). Nele, a leitura é compreendida como ato isolado do indivíduo, mera ação cognitiva de decifrar um código registrado sobre um texto, o que demonstra uma ação equivocada sobre o que foi lido, pois não há como interpretar uma informação ignorando a forma como essa se processa no indivíduo e ecoa nas suas percepções culturais.

Por outro lado, o modelo ideológico estabelece que as práticas de letramento são social e culturalmente determinadas e, portanto, assumem significados e funcionamentos específicos dos contextos, instituições e esferas sociais em que se desenvolvem. Como indica Kleiman (2001, p. 21),

o modelo ideológico não pressupõe [...] uma relação causal entre letramento e progresso ou civilização, ou modernidade, pois, ao invés de conceber um grande divisor entre grupos orais e letrados, ele pressupõe a existência e investiga as características de grandes áreas de interface entre práticas orais e letradas.

Este segundo modelo apresenta de forma clara uma retomada crítica da escrita e da leitura, e compreende que as práticas de letramento dependem da sociedade e das ideologias veiculadas por ela. Neste pensar, ainda podemos compreender que a leitura é uma forma de construção de identidade e de percepção dos jogos de poder social.

Em decorrência disso, ao contrário do modelo autônomo, os pesquisadores que adotam a perspectiva do modelo ideológico vão investigar práticas de letramento contextualizadas em esferas sociais específicas (grupos, instituições, situações), nas quais o funcionamento comunicativo e discursivo particular de cada esfera social dimensionará numa pluralidade de relações complexas e dentro de práticas letradas, oralidade e escrita, que não podem mais ser vistas de maneira dicotômica. Além disso, naturalmente, os dois modelos apresentam visões diferenciadas sobre as relações existentes entre letramento e escolarização.

Os letramentos, portanto, são práticas sociais, diferentes linguagens, vários níveis de habilidades e conhecimentos sobre a leitura e a escrita e seus usos, requerendo formas de aprendizagens relacionadas aos campos das atividades humanas e não apenas à escola. Outras instituições sociais como a família, a igreja, e o local de trabalho também são responsáveis pelo desenvolvimento dos letramentos, porém de maneira diferenciada da escola, cujo objetivo é o ensino sistematizado do conhecimento científico produzido pelo homem. Para Street (2003, p. 5), as diferentes formas como as pessoas utilizam e “[...] consideram a leitura e a escrita vêm em si mesmas enraizadas em conceitos de conhecimento, de identidade e de ser [...]”, razão pela qual o autor compreende todo o letramento como sendo *ideológico*.

Como a escola é o principal, se não o único, meio de acesso ao letramento do tipo valorizado pela sociedade burocrática (SIGNORINI, 2001), esse fator tende a ser confundido com a escolarização: quanto maior o nível de escolarização, maior e melhor o grau de letramento. A escolarização, por sua vez, esteve – e ainda está – atrelada a interesses ideológicos e culturais. No entanto, como a educação se realiza em instâncias diversas, percebe-se que sua identidade ainda não está bem definida, o que acarreta uma certa instabilidade educacional.

Os estudos de Street, (2003), Terzi, (2003), Kleiman (1995), desenvolvidos sob o ponto de vista da dimensão social do letramento, levaram à descoberta de que os indivíduos com diferentes graus de dificuldade para ler e escrever desenvolvem diferentes práticas para lidar com as demandas sociais de leitura e escrita. Estudos desse tipo privilegiam a observação de grupos menos favorecidos no âmbito social e econômico. Em todas essas pesquisas, os resultados obtidos apontam para a ligação entre habilidades letradas e prática contextual em sociedade.

Segundo Marcuschi (2001), é a partir das práticas sociais, incluindo as atividades comunicativas constituídas socialmente, que se pode compreender as funções sociais que desempenham a leitura e a escrita, como elas se adaptam a várias culturas e como os indivíduos se apropriam delas.

Autores como Kleiman (1995), Rojo (1998), Rocha (2000), Marcuschi (2001), Soares (2005) se alinham no entendimento de que, para o indivíduo inserir-se socialmente, ele precisa ser capaz de compreender os usos sociais da leitura e da

escrita, mesmo que não tenha o domínio de um código escrito, que não seja alfabetizado e que não tenha passado pelo processo de escolarização.

Segundo Soares (2002) a palavra “letramento” talvez tenha surgido em virtude de não utilizarmos o termo alfabetismo, enquanto seu contrário, analfabetismo, nos é familiar. Isto é, conhecemos há muito tempo o estado ou condição de analfabeto, mas só recentemente o seu oposto tornou-se necessário, pois passamos a enfrentar uma nova realidade social que não só exige a capacidade do saber ler e escrever, como também de compreender o que foi lido e escrito de maneira que o indivíduo seja capaz de criar pontes entre o mundo da linguagem e o contexto em que ele vive.

No Brasil, este processo vem sofrendo alterações, pois se passou da simples verificação da habilidade de codificar e decodificar o nome à verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social. Na verdade, os países desenvolvidos estão se esforçando para diminuir o índice de pessoas que não incorporaram os usos da escrita, não se apropriaram plenamente das práticas sociais de leitura e de escrita. Dessa forma, não estão se referindo a índices de alfabetização, mas a níveis de letramento. Com tal postura, reconhece-se que um indivíduo pode não saber ler nem escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado.

Letramento, então, de acordo com Terzi (1995) é a relação que indivíduos e comunidades estabelecem com a escrita nas interações sociais, relação esta que pode ser vasta, mais profunda ou mais superficial, dependendo do uso e do contato que se tem com ela. A autora explica que o grau dessas interações ainda pode variar conforme o conhecimento ou reconhecimento das situações sociais que envolvem esses usos, do significado que tais situações possuem para a comunidade, das formas que o texto escrito pode assumir para atingir determinada função social, das relações de poder que influenciam todo uso social da escrita conforme a valorização dessa modalidade da língua, as crenças sobre ela etc.

Ao conceito de Letramento aborda a construção de um texto linear, que por seu formato, acabe sendo, na maior parte das vezes, impresso. Esse tipo de texto foi fundamental para o desenvolvimento da língua e de suas posteriores

modificações, dando origem ao Letramento Digital, Multimodalidades, entres outras vertentes.

No que concerne aos conceitos de Letramento, Tfouni (1995) defende um conceito de letramento que se refere às consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade, levando em consideração somente o impacto social da escrita, o que, na visão de Kleiman (1995) desconsidera as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que elas ocorrem. Soares (2002) também se alinha a esse pensamento ao admitir que o letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados.

Porém, a partir de alguns estudos, tem-se mudado o modo de ver a linguagem, que agora passa a ter como ponto de retomada um processo dinâmico em contextos significativos da atividade social em todos os seus aspectos, sendo eles de caráter familiar, comunitário, profissional ou religioso e considerando que uma pessoa não aprende unicamente pelo que tem de individual, mas também pelo contexto que a cerca, incluindo significados e usos produzidos em suas redes de relações com a leitura.

De acordo com as pesquisas brasileiras ainda em curso na Linguística (KLEIMAN, 1995) e na Educação (SOARES, 1998), alfabetizado seria aquele sujeito que adquiriu a tecnologia de escrita, sabe decodificar os sinais gráficos do seu idioma, mas ainda não se apropriou completamente das habilidades de leitura e de escrita, isto é, aquele indivíduo que, mesmo tendo passado pela escola, ainda lê com dificuldade, de modo muito superficial e escreve com pouca frequência e, quando escreve, produz textos considerados simples (bilhetes, listas de compras, preenchimento de proposta de emprego e coisas do gênero).

É preciso ressaltar a questão da diferença entre alfabetização e letramento, pois muitas vezes deparamos com alunos semi-analfabetos, mas que são, por exemplo, letrados. Tradicionalmente é considerado alfabetizado aquele indivíduo que somente aprendeu a ler e escrever, mas que não desenvolveu as habilidades para fazer uso da linguagem (escrita e leitura) não tendo a condição de leitor/escritor, relacionando as possibilidades de diferentes práticas sociais. Tfouni (1995, p. 35) afirma que há duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização:

[...] ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. O mal-entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega a um fim, e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é parece-me antes que o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude.

Bourdieu (2001, p.212) declara que “diante de um livro estamos frente a diferentes instrumentos de compreensão”. A leitura é um processo de apropriação do conhecimento, assim obedece às mesmas leis de outras práticas culturais. Pois, não há como interpretar uma informação ignorando a forma como essa se processa no indivíduo e nas suas relações individuais. Para Bourdieu (2001, p.245) a leitura pode ser substituída por uma série de palavras que designa uma espécie de consumo cultural. O autor afirma que “(...) numa civilização de leitores, restam inúmeros pré-saberes que não se veiculam pela leitura, mas que, contudo a orientam.” (BOURDIEU, 2001 p.248).

Como podemos observar, o limiar entre letramento e alfabetização é de difícil definição, mas o importante é perceber a importância de ler e escrever. Estas ações não podem representar unicamente a decodificação de sentenças. Seus usos são determinados por práticas sociais específicas e exigem do indivíduo conhecimentos para sua aplicação em diferentes gêneros e eventos comunicativos.

1.4. Letramento Digital

A definição de letramento representa um dos termos mais recentes nas áreas de Linguística, Linguística Aplicada, Letras e Educação. De acordo com Soares (2003, p. 15) uma das primeiras menções ocorre na obra de Kato (1986), intitulada “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Para Kleiman (1995), o termo letramento ganhou espaço no meio acadêmico na tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” dos demais sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita.

As definições dicionarizadas para “letrar” remetem ao significado “escrita”, que estão relacionadas como sinônimo do indivíduo que detém essa tecnologia. De

fato, o termo foi originado da versão inglesa “literacy”, que denota a representação etimológica de estado, condição, ou qualidade de ser “literate”, que é definido como educado, especialmente, para ler e escrever.

Os estudos sobre o letramento envolveram inicialmente as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas relacionadas com o uso extensivo da escrita nas sociedades tecnológicas. Em seguida, o termo passou a ser considerado no âmbito da relação aos seus efeitos diante das práticas sociais e culturais dos diferentes grupos que utilizavam a escrita.

Para exemplificar essas duas linhas, recorre-se a Tfouni (1995), que apresenta um conceito de letramento que se refere às consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade. Esse conceito, contudo, reflete apenas as dimensões do verdadeiro impacto social da escrita, apesar de Kleiman (1995) desconsiderar as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que elas ocorrem. Soares (2002) também se alinha a esse pensamento ao defender que o letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados.

A noção de Letramento tem sofrido modificações a partir da crescente preocupação com o visual e outras formas de linguagem presentes na comunicação, tais como imagens, sons, vídeos. Se até pouco tempo atrás ser letrado significava saber ler e escrever, hoje essa noção procura incluir a habilidade de lidar com a multiplicidade e integração de todos os modos de fazer sentido que acompanham as mudanças no mundo.

Foi a partir da preocupação com essas mudanças aceleradas no mundo que Cope & Kalantziz (2000) propõem a ideia de multiletramento, *ou seja*, uma mistura de tipos textuais em um mesmo meio, podendo ser verbais (texto escrito) ou não verbais (imagens). Segundo Kress e Van Leeuwen (1996), mesmo um texto verbal tem outros modos de comunicação coexistentes, que contribuem para o seu significado. Textos são, portanto, *multimodais*, isto é, um conjunto de múltiplas formas de representação ou códigos semióticos que, através de meios próprios e independentes, possuem inúmeros significados relacionados entre si.

Já o Letramento Digital, que também se baseia nas interações do indivíduo com a escrita, tem como foco a interação não só com a escrita linear, mas sim com todas as formas de comunicação dadas pelas novas tecnologias, principalmente as proporcionadas pela *internet*. Não basta mais ser alfabetizado e letrado, pois o uso da linguagem extrapola as possibilidades da escrita e da leitura linear.

Há, na atualidade, a necessidade de se conhecerem também alguns conceitos técnicos para a compreensão de sistemas de significação e contextos socioculturais em que as práticas comunicativas são produzidas e envolvidas. No ambiente digital, o texto deixa de ser só uma sequência de palavras que transmite uma mensagem. A possibilidade de formação do contexto geral passa a pertencer ao leitor, que pode percorrer diferentes caminhos para a formação do conceito que deseja.

O letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 135).

De acordo com Martin (2006) e Bawden (2008, p 22), o Letramento Digital seria definido como:

consciência, a atitude e a habilidade de indivíduos para apropriado uso das ferramentas digitais; a facilidade de identificar, acessar, gerenciar, integrar, avaliar, analisar e sintetizar pesquisas digitais, construindo assim, novos conhecimentos, criando expressões do meio e comunicando-se com outros, num contexto específico.

Em países mais desenvolvidos econômica e tecnologicamente, as crianças e adolescentes estão crescendo com acesso às inovações nas tecnologias de comunicação. Há, portanto, uma preocupação por parte dos governos destes países no sentido de garantir o domínio das ferramentas multimídias e da *internet* de modo bastante amplo. Como afirma Buzato (2003):

O letramento digital é mais que o conhecimento “técnico”: uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador... Ele inclui ainda a habilidade para construir sentido a partir de textos multimodais [...] Inclui também a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletronicamente. E

ainda a familiaridade com as “normas” que regem a comunicação com outras pessoas através do computador.

Este contexto interessa a essa pesquisa a partir do momento em que a proposta desenvolvida pelos alunos que dela participam é a da produção de uma revista para o ambiente virtual passando a valer, além do letramento, também o Letramento Digital, o que fez com que as revistas produzidas se diferenciassem bastante, de acordo com o nível de letramento de tais alunos.

1.5. Linguagem virtual

A proliferação do acesso à *Internet* pelo mundo tem mudado com certa intensidade os costumes da população, inclusive as formas e recursos utilizados para nos comunicarmos. Atualmente, as formas de ler e escrever já não são mais as mesmas. Costa (2005, p.24) destaca que,

Quanto ao processo interativo de produção discursiva na conversação face a face e nas salas de bate-papo (chats) na Internet, com implicações no uso do código escrito e nas escolhas linguísticas mais próprias da linguagem espontânea e informal oral cotidiana, há algumas semelhanças entre ambas as conversações: tempo real, correção on-line, comunicação síncrona, linguagem truncada e reduzida, etc. Mas há também algumas diferenças que, contudo, confirmam o processo simultâneo de construção da linguagem e do discurso. Podemos resumi-las na realidade “real” da conversação cotidiana e na realidade “virtual” da conversação internáutica: interação face a face X interação virtual; espaço real X espaço virtual; comunicação real X comunicação virtual e língua falada X língua falada-escrita.

Diante dessa realidade, é necessário atentarmos não só para as ferramentas tecnológicas que surgem a cada instante, mas também para as influências que elas apresentam com seu surgimento, especialmente em um país como o nosso no qual

75% da população brasileira na faixa etária dos 15 aos 64 anos não sabe ler e escrever plenamente, ou seja, identifica letras e palavras, mas não consegue usar a leitura no seu cotidiano. São os chamados analfabetos funcionais, a maioria da população do país. Na outra ponta, apenas 25% da população nessa mesma faixa etária é alfabetizada, tem domínio pleno da leitura... (CORREIO DO POVO, Set. 2005).¹

¹ " Em dez anos, o índice de analfabetismo no Brasil caiu pela metade. Mas se no entendimento básico de português e matemática o país conseguiu avançar, no domínio pleno ele está estagnado. Segundo dados do

A partir do advento das tecnologias digitais, uma verdadeira revolução se iniciou na escrita: antes utilizada como ferramenta formal, agora é empregada de forma despreocupada, o que acabou por ocasionar o surgimento de inúmeras variantes da forma padrão. Isso só foi possível graças à imensa versatilidade da *internet* e dos instrumentos digitais. Porém, deve se deixar claro que os motivos de preocupação de vários pais e professores não são infundados. Se não houver, desde cedo, uma orientação clara sobre qual a melhor forma de explorar essas variantes linguísticas sem prejudicar o entendimento do aluno em relação aos textos formais, uma lacuna em sua formação intelectual poderá surgir, o que, no futuro, poderá privá-lo de compreender de uma forma mais plena o contexto em que ele vive.

Pode-se também observar o quanto a *internet* está transformando os hábitos, não só de alunos, como também da população em geral. Jovens, crianças e adultos a utilizam para pesquisa, lazer e trabalho. Mas a grande preocupação está naqueles estudantes que se comunicam o dia inteiro através de mensagens e *chats*, mas não conseguem fazer a leitura e a compreensão de textos jornalísticos, literários, ou seja, aqueles textos formais que preenchem parte do mundo do qual eles participam.

Porém, a proximidade entre a linguagem escrita e a linguagem oral através da utilização das ferramentas digitais fez e ainda faz com que o ato de escrever, em si, se torne mais popular, cimentando ainda mais a relação intrínseca entre essas duas modalidades de linguagem. O desenvolvimento dessa relação se deu a partir do momento em que apareceram formas alternativas que permitiram o uso da linguagem de maneira a garantir uma comunicação escrita eficiente, possibilitando que as lacunas deixadas pelos recursos rítmicos e gestuais utilizados na comunicação oral fossem transferidas para a linguagem escrita.

Para sanar essas lacunas, foram criados recursos gráficos que passaram a fazer parte da construção e recepção da informação da escrita. Mais recentemente, chegou-se à necessidade de expressar sensações através de recursos gráficos. Esses recursos abrangem pontuações, espaços entre palavras ou linhas, combinações de símbolos sem significado conceitual, mas que juntas formam

Indicador do Alfabetismo Funcional (Inaf) 2011-2012, pesquisa produzida pelo Instituto Paulo Montenegro e a organização não governamental Ação Educativa, o percentual da população que consegue desenvolver atividades mais complexas, como interpretar textos longos, comparar informações e interpretar tabelas, mapas e gráficos, se manteve no ano passado com os mesmos 25% registrados em 2001."

imagens providas de sentidos próprios do contexto em que são utilizadas. Um exemplo claro disso é a junção da letra “s” maiúscula com o número dois (S2). A rigor, num texto de caráter formal, tal união é vazia de significado. Contextualizada, porém (em um *chat* ou mensagens de celular), ela representa o sentimento de afinidade, amor, carinho.

Por sua vez, o texto impresso apresenta limites devido à impossibilidade de apoio visual e oral, recursos estes disponíveis ao texto virtual, no qual a informação pode ser apresentada de forma estática ou em movimento, permitindo o auxílio de formas dinâmicas e acrescidas de som na apresentação. Desta maneira, uma mesma informação pode ser trabalhada de diversas formas, através de diversos canais diferentes (*blogs, sites* portais, programas, aplicativos), o que pode auxiliar alunos que tenham estilos cognitivos distintos a encontrar seu método próprio de aprendizagem através da possibilidade de escolha que, segundo Braga (2004), permite que eles ajustem o material às suas necessidades individuais. Porém, o excesso de informação oferecido no meio digital pode sobrecarregar cognitivamente e desencorajar os usuários que não possuam o conhecimento para uma análise crítica mais profunda.

Além dos recursos diferenciados do texto virtual apontados acima, a dinamicidade e a interatividade do hipertexto, outra de suas possibilidades, permitem ao leitor seguir diferentes “rotas” ou “trilhas” de leitura, acionando, assim, uma série de alternativas de construção de sentido na qual a utilização da hipertextualização dá ao interlocutor a oportunidade de ampliar as possíveis interpretações de sentido e, assim, enriquecer sua leitura.

O letramento multimidiático crítico, por sua vez, quando devidamente aplicado, é capaz de transformar a informação em conhecimento, tornando o sujeito competente para ler, selecionar, analisar e avaliar o conteúdo dos meios digitais. Portanto, ele é o responsável pela atuação direta da capacidade das pessoas de tomar uma postura crítica em relação às fontes de informação.

Lemke (2002) destaca a relevância dos letramentos multimidiáticos (*multimedia literacy*) - sem os quais o sujeito tende a se marginalizar na sociedade do conhecimento - como ferramentas necessárias para que as pessoas atuem com desenvoltura e eficácia num mundo em constante mobilidade.

Com o crescente avanço do uso das novas tecnologias, a escola, que deveria proporcionar pelo menos o primeiro contato do aluno com esses novos meios, preparando-o para uma vida mais integrada às necessidades da sociedade, está cada vez mais distante desta realidade. Não adianta fazer uso do computador em sala de aula, de lousas digitais, se os alunos não compreendem o processo e a real necessidade do saber linguístico e técnico sobre esses meios.

Segundo alguns teóricos, há abordagens que demonstram o como as tecnologias da informação e comunicação podem ser utilizadas em sala de aula. Buckingham (2010), por exemplo, estuda o papel dos videogames e como eles contribuem para que o aluno seja letrado digitalmente. Lankshear e Knobel (2008), por sua vez, discutem como as redes de relacionamento social sinalizam novas tendências para o modo como as pessoas interagem. Já Erstad (2008) discute as implicações das práticas de *remixing* para as atividades escolares.

O processo de escolarização, contudo, vai além do trabalho no meio digital. O meio digital tem que ser entendido como uma ferramenta que auxiliar o desenvolvimento, não o sendo em si só. O professor, em primeiro lugar, precisa compreender que o texto digital não é mais somente uma produção linear e nem constituído de um único percurso. Os textos encontrados na *Internet*, por exemplo, são textos multimidiáticos, o que vai contra a corrente da educação que ainda está focada, em sua maioria, em textos impressos e lineares.

Segundo Lemke (2002), o problema do trabalho com o ensino de línguas (português, inglês e espanhol) na escola se dá pela falta de veracidade das situações propostas para produção textual, já que são, na maioria das vezes, sugeridas de formas descontextualizadas. Quando é pedido ao aluno para produzir um texto, falta-lhe a motivação necessária para que trabalhe com afinco e vontade. Obviamente, um texto produzido com o intuito único de ser avaliado pelo professor exclui a possibilidade de que existam leitores reais, capazes de dar a devida importância e atenção a essas produções. Por esse viés, quando se propõe a publicação desses textos na *internet*, apesar de continuarem sujeitos à avaliação do professor, eles são valorizados por um público leitor real e participativo, fomentando assim a melhora contínua dos alunos e seus trabalhos.

Esse novo espaço de escrita que ocorre através da tela do computador exige novos comportamentos e novas interações entre quem escreve e quem lê, entre quem escreve e o texto, entre quem lê e o texto e até mesmo entre o ser humano e o conhecimento.

1.6. Multimodalidade

Os conceitos multimodais são aqueles que podem ser utilizados em análises de textos produzidos a partir de diversos modos de linguagem, de forma a considerar todas as relações existentes entre esses modos. Através de tais conceitos, tem-se como objetivo que se construa uma linguagem constituída de forma multimodal, em que o sentido advenha da relação textual estabelecida entre diferentes modos utilizados para sua constituição como textos verbais e não verbais simultaneamente.

Kress e Van Leeuwen (1998) definem multiletramento pelo uso diário de uma variedade de recursos semióticos para a produção de signos em contextos sócias concretos. Tais signos seriam formados a partir de significantes, ou seja, cores, perspectivas e linhas usados para representação material dos textos. Para além da articulação entre forma e significado, os autores propõem que a linguagem se constitua a partir de múltiplas articulações entre diversos estratos, sendo eles o discurso, o *design*, a produção e a distribuição.

Outra noção fundamental dentro do conceito de multimodalidade é o que Kress e Van Leeuwen (1998) chamaram de “guinada para o visual”, e a maneira como ela interage com as tecnologias eletrônicas. Parte-se do pressuposto de que a materialização do texto é sempre importante. Textos, nesse sentido, são os objetos materiais que resultam de uma variedade de práticas representativas que fazem uso de uma diversidade de sistemas dotados de significação.

Enquanto a *internet* atual, por exemplo, permite um amplo trabalho com imagens em movimento, cores, disposição, som e interatividade, os materiais didáticos tradicionais constituem-se basicamente de textos verbais e *lay out*. Na verdade, o condicionamento tecnológico está presente na linguagem desde a época em que o texto passou a constituir-se enquanto tal.

Da mesma maneira, a mudança do modelo de textos monomodais para os textos multimodais, conforme se pode observar nas últimas décadas, foi propiciado pelas novas tecnologias de digitalização, que possibilitam a escolha entre um ou outro modo de linguagem para determinada representação, de acordo com o efeito semiótico buscado.

Há também a hipermodalidade, que esbarra no contexto do Letramento Digital já que ocorre no ambiente digital. Porém, na concepção de Lemke (2002), é a fusão da multimodalidade com a hipertextualidade que forma uma produção hipermodal e foi essa a maneira encontrada para se nomear as novas interações entre os significados das palavras, imagens e sons na hipermídia. De acordo com Lemke (2002), a hipermodalidade é entendida como

a fusão da multimodalidade e hipertextualidade. Não só temos as ligações entre as unidades de texto de várias escalas, mas temos ligações entre unidades de texto, elementos visuais, e as unidades de som. (LEMKE, 2002, p.301)²

Segundo Lemke (2002), a hipermodalidade vai além do que consideramos construção de textos em diferentes meios. Vai além do texto em si. Não é a simples junção da escrita com imagens, sons entre outros artifícios. É a possibilidade de o texto inicial estar correlacionado, não só com outros textos, mas também com outras formas de expressão, como elementos visuais, auditivos e sinestésicos.

Quando se pensa em um ambiente virtual, tem-se em mente uma composição multimodal, que vem a ser uma mescla de diversos modelos textuais em um mesmo ambiente. A aplicação de palavras, imagens, sons vídeos se faz presente ou pelo menos possível em um ambiente virtual. Com a evolução das tecnologias e o aumento de sua prática por todos os meios de comunicação impressos, como jornais, revistas, entre outros, foi-se desenvolvendo novos métodos de uso dos meios de comunicação, e estes acompanharam o progresso tecnológico, no qual é permitido a aplicação de diferentes gêneros em um mesmo ambiente virtual.

Lemke (2002) ainda diz que faz parte da nossa experiência como leitor integrar de forma significativa textos verbais e não verbais (hipermodais), assim

² Tradução minha para: "Hypermodality is the conflation of multimodality and hypertextuality. Not only do we have linkages among text units of various scales, but we have linkages among text units, visual elements, and sound units. (LEMKE, 2002, p.301)"

como orientar nossa leitura por meio de recursos visuais, os quais são ampliados e ressignificados a partir de três categorias, aqui apresentadas por Halliday (1978): (i) os significados aparentes, construídos pelo conteúdo ideacional dos textos verbais e pelo que é comunicado pela imagem nos textos visuais; (ii) o significado performativo, que veicula o que está acontecendo na relação comunicativa e o lugar que os diferentes participantes assumem entre si em relação ao conteúdo apresentado; (iii) e o significado organizacional, que permite que o significado aparente e o performativo sejam integrados de forma a atingir graus mais elevados de complexidade e precisão (BRAGA, 2004).

Sob a perspectiva da Gramática Sistêmico Funcional de Halliday (1994), Kress e Van Leeuwen (2001) criam uma teoria, a Teoria do Discurso Multimodal, com o intuito de preencher uma lacuna existente nos estudos linguísticos, analisando estruturas visuais e outros códigos semióticos do gênero, considerando um padrão de descrição estética das imagens, partindo da premissa de que os elementos internos são relacionados entre si, formando uma única mensagem, um corpo textual todo coerente embora possam transmitir mensagens diferentes. A título de exemplificação, pode-se pensar em anúncios publicitários. Muitos desses anúncios fazem uso de palavras que se mostram contraditórias diante da imagem adotada, conferindo-lhes, assim, um tom cômico ou ao menos chamativo.

Novamente a partir de conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), Kress e Van Leeuwen (1996) afirmam que, como acontece com a linguagem verbal, todos os modos semióticos realizam três grandes funções simultaneamente: (i) a ideacional, ao representar o que está a nossa volta ou dentro de nós; (ii) a interpessoal, realizando interações sociais; (iii) a textual, “revelando a composição do todo, a maneira como os elementos interativos e representacionais se relacionam e como eles se integram para construir o significado” (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p.181).

Segundo esta abordagem, qualquer texto que combine vários modos semióticos pode ser visto também como uma instanciação do sistema semiótico e reflete as escolhas feitas pelo seu autor, dentro do contexto onde é produzido (HALLIDAY; HASAN, 1989).

Por que é a língua como é? A natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir. Nos casos mais concretos, estas funções são específicas de uma cultura; o uso da língua para organizar expedições de pesca nas Ilhas Trobriand, descrito há meio século atrás por Malinowski, não tem paralelo na nossa sociedade. Mas subjacentes a tais instâncias de uso da língua estão funções mais gerais que são comuns a todas as culturas. Nem todos participamos em expedições de pesca; porém, todos nós usamos a língua como um meio de organizarmos outras pessoas e determinarmos os seus comportamentos. (HALLIDAY, 1978, p.141).

Nesse contexto, textos virtuais têm mais facilidade de se apresentar, pois fazem de maneira mais dinâmica a mescla entre os tipos textuais, utilizando-se de imagens, palavras, vídeos, som e com a possibilidade infinita de *links*, o que permite a elaboração de um campo multimodal e hipertextual inacabável.

O texto é a forma linguística de interação social. É uma progressão contínua de significados, em combinação tanto simultânea como sucessiva. Os significados são as seleções feitas pelo falante das opções que constituem o potencial de significado; o texto é a atualização desse potencial de significado, o processo de escolha semântica. (HALLIDAY, 1978, p. 122).

A mistura dos modos semióticos produzindo um grande contexto, o qual reflete as escolhas do autor, nos remete a uma abordagem linguística adotada que é a sociointeracionista. Kress e Van Leeuwen (1996) baseiam-se na noção de uso de uma variedade de recursos semióticos para a produção de signos em contextos sociais concretos. Tais signos seriam formados a partir de significantes tais como cores, perspectivas e linhas, usados para apresentação material dos significados.

Baseando-se novamente nas funções que os modos semióticos realizam simultaneamente apontadas mais acima, os autores consideram que a composição (função textual) de um *texto multimodal*, relaciona significados ideacionais e interpessoais através de três sistemas: (1) *valor informativo*, (2) *saliência* e (3) *enquadramento*.

Para Kress e Van Leeuwen (1996), o valor informativo está diretamente relacionado com o local ou “zonas” da imagem, podendo ela estar à direita ou esquerda, centro ou margem, alto ou baixo. A escolha de cada um desses lugares dá a ela um valor e uma importância diferente. Já para a saliência, segundo eles, são usados efeitos que servem para atrair a atenção do expectador em relação à

colocação da imagem na frente ou no fundo, ao seu tamanho, à sua cor, à sua nitidez, etc. Na questão do enquadramento, usam-se elementos que categorizam o modo como os elementos estão conectados, ou não, para dar o sentido ao todo.

Ao categorizarem esses três tipos de composição, os autores afirmam que essas características não se aplicam somente a imagens, mas também a textos multimodais ou hipermodais. Para essa afirmação, eles buscam “olhar uma página inteira como um texto integrado (...) tentando derrubar as fronteiras disciplinares entre o estudo da língua e o estudo das imagens” (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p.183).

1.7. Ferramentas e recursos tecnológicos

Muitas vezes ao serem lidos textos sobre educação que tratam de temas como as atualidades em sala de aula, expressões como “ferramentas digitais” e “recursos digitais” sendo utilizados como sinônimos. No entanto, tal uso é equivocado.

O dicionário *online* Aurélio (2012) apresenta o termo *ferramenta* como “s.f. qualquer instrumento que se usa para a realização de um trabalho. Tal termo deriva do latim *ferramenta*, plural de *ferramentum*. É um utensílio, dispositivo, ou mecanismo físico ou intelectual utilizado por trabalhadores das mais diversas áreas para realizar alguma tarefa”.

Portanto, uma ferramenta pode ser definida como: *um dispositivo que forneça uma vantagem mecânica ou mental para facilitar a realização de tarefas diversas*. No entanto, as ferramentas tecnológicas, por sua vez, fazem referência às teorias e às técnicas que possibilitam o aproveitamento prático do conhecimento científico.

Quando pensamos nas atuais salas de aula, verificamos algumas mudanças comparadas com as de uma década atrás. Hoje encontramos computadores, projetores, TVs, vídeos. Os usos dos recursos tecnológicos relacionados a estas ferramentas já foram apropriados por professores e alunos. Essas ferramentas têm sido usadas com o objetivo de aumentar a eficácia do ensino e desenvolver no aluno o senso crítico, o pensamento provável e dedutivo, a capacidade de observação, de pesquisa e estratégias de comunicação.

Já os recursos tecnológicos são meios de todos os tipos que permitem responder ou alcançar uma necessidade, conseguindo aquilo que se objetiva. Um recurso tecnológico, no entanto, é um meio que se vale da tecnologia para cumprir com o seu propósito. Os recursos tecnológicos podem ser acessíveis como um computador, uma impressora, um *smartphone*, ou inacessíveis como um sistema, uma aplicação virtual.

Nos dias atuais, os recursos tecnológicos são uma parte imprescindível para a globalização. Através deles se faz possível todo o processo do mercado consumidor e das trocas de informações com tamanha rapidez. Eles ajudam a desenvolver operações cotidianas no ambiente familiar ou de trabalho. Em casa, os recursos tecnológicos podem ser úteis para aqueles que tenham de realizar atividades escolares, ou para aqueles que trabalham em casa, Não é necessário fazer grandes investimentos para ter acesso a recursos básicos. Segundo Moran (2006, p. 12)

Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar junto e o estarmos conectados a distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

Portanto, o uso das ferramentas corretas atrelado aos recursos necessários para o desenvolvimento de um objetivo, têm a função de facilitar o acesso aos novos conhecimentos, e servem também de base para novas adaptações aos sistemas variados de transmissão de conhecimento de maneira a melhorar, transferir e transformar os fatores complicados em algo mais acessível e sedimentado, permitindo que teoria e prática se articulem de modo eficaz.

2. ANALISANDO OS TEXTOS: UM OLHAR MAIS PRÓXIMO NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

2.1. Considerações iniciais

Considerando o objetivo geral da presente pesquisa de investigar se o uso de recursos da tecnologia digital pode contribuir tanto para o desenvolvimento da produção textual em aulas de Língua Portuguesa quanto para o multiletramento dos alunos, o presente capítulo se ocupa da apresentação e discussão dos resultados da análise da produção de três capas e três reportagens, de três revistas elaboradas por alunos do 8º ano do ensino fundamental, que estão publicadas no blog <www.papelvirtualnarede.blogspot.com>. Atendem-se, desse modo, os dois primeiros objetivos específicos do estudo. Na sequência, reflete-se sobre a possível contribuição do uso dos recursos da tecnologia digital para o multiletramento dos alunos a partir da produção dos textos analisados, conforme se propõe como terceiro objetivo específico. Para a análise das referidas capas e reportagens, devem-se considerar os tópicos já elencados no início do trabalho, quais sejam: Letramento e Letramento Digital, o uso da Linguagem Virtual empregada pelos alunos e o uso das possibilidades de hipertextos e hipermodalidades.

Para tanto, o material será dividido em dois blocos: três capas e três reportagens principais das três revistas selecionadas e já mencionadas, sendo elas: Olhe, Politicamente Incorreta e Guará Sport.

Como já descrito, o projeto pedagógico para a realização das revistas teve duração de um ano letivo. Para seu desenvolvimento não foi realizada nenhuma aula teórica em relação aos letramentos e linguagem digital. Em nenhum momento, os alunos entraram em contato com os termos que serão usados para a análise dos materiais, visto que a produção das revistas estava sendo realizada de acordo com a proposta do material adotado pela escola que é baseada no trabalho com gêneros, sob a perspectiva teórica de Bakhtin (1997) e Vygotsky (1988), ancorando-se assim no sociointeracionismo, conteúdo esse que não será abordado nesse trabalho.

Como professora responsável pelo desenvolvimento das habilidades da escrita, não concordei com a proposta final do material que previa uma única

publicação para a revista, a qual seria entregue ao professor, que por sua vez faria a respectiva avaliação e finalizaria o projeto. Sugeri, então, uma modificação do meio de publicação da revista, que deixaria de ser impressa e passaria a ser veiculada em meio digital, através de um *blog*. Embora a proposta de mudança tenha sido aceita prontamente pelos alunos, conceitos e técnicas para seu desenvolvimento não foram abordados em sala de aula, deixando para que eles decidissem sobre os melhores métodos que utilizariam. Como orientadora, me prontifiquei em ajudar a solucionar problemas e responder possíveis dúvidas quanto ao desenvolvimento da revista.

Considerando que todos os alunos tinham acesso diário à *internet* e que faziam uso de diversos programas e *sites*, esperava que o letramento digital deles fosse, ao menos, de nível básico. No decorrer do ano, os alunos elaboraram algumas atividades em meio digital não relacionadas ao desenvolvimento da revista, e por meio delas pude obter uma noção mais definida de seus conhecimentos sobre essa área. Programas como *Word*, *Power Point*, *Photoshop*, dentre outros, eram por eles constantemente utilizados. Porém, tais usos indicavam que o computador era usado como uma mera ferramenta, que os auxiliava na elaboração das atividades, sendo que elas poderiam, entretanto, ser elaboradas com a ajuda de diferentes ferramentas que não mudaria o resultado final. Foi a partir dessa análise do conhecimento inicial do letramento digital dos alunos que decidi por manter a proposta de produção da revista em meio virtual.

Para a análise deste primeiro momento, tomei por base as teorias de Terzi (2007), Soares (2003), Kleiman (1995) e Street (1995), de acordo com as quais são considerados letrados, como já apontado, aqueles que conseguem reconhecer a relação que indivíduos e comunidades estabelecem com a escrita nas interações sociais, relação esta que pode ser mais ou menos ampla, mais profunda ou mais superficial, dependendo do uso e do contato que se faz e se tem com a escrita; conforme o conhecimento/reconhecimento das situações sociais que envolvem esses usos, do significado que tais situações têm para a comunidade e para o indivíduo, das formas que o texto escrito pode ter para uma dada função social.

O texto é a forma linguística de interação social. É uma progressão contínua de significados, em combinação tanto simultânea como sucessiva. Os significados

são as seleções feitas pelo falante das opções que constituem o potencial de significado; o texto é a atualização desse potencial de significado, o processo de escolha semântica. (HALLIDAY,1978, p. 122).

Assim, como resultado de uma análise geral, pode-se dizer que todas as revistas alcançaram seus objetivos principais, uma vez que suas produções foram consideradas bem satisfatórias em relação ao que havia sido planejado.

No entanto, como o uso do computador se configurou como uma simples ferramenta de auxílio no desenvolvimento dos textos que não se diferenciava de ferramentas de outra natureza que não a digital, tudo o que foi produzido ficou claramente pautado nos modelos dos textos impressos. Contudo, como se sabe, o texto impresso apresenta limites que não são válidos para o texto virtual devido à impossibilidade do apoio visual e oral que se pode encontrar no último, permitindo que a informação seja apresentada de forma estática ou em movimento, quando se recorre ao auxílio de formas dinâmicas e acrescidas de som na apresentação, por exemplo.

Para facilitar a análise dos resultados, foi elaborada, então, uma tabela final com todos os itens a serem avaliados e classificados do seguinte modo: muito bom, bom, satisfatório, fraco e insatisfatório.

2.2 As Produções

Conforme apontado anteriormente, as produções serão analisadas pelo viés do letramento, letramento digital, linguagem digital e da hipermodalidade, tendo sempre em mente que o desenvolvimento das mesmas foi feito em meio virtual. Neste momento faz-se necessário pontuar que, em todo o desenvolvimento do projeto, os alunos fizeram uso do computador como ferramenta tecnológica e não como recurso tecnológico, visto que quando pensamos em ferramenta, temos em mente um dispositivo que fornece vantagens mecânicas facilitando a realização das produções e, quando pensamos em recurso, temos em mente meios de todos os tipos que permitem responder ou alcançar uma necessidade, alcançando aquilo que se objetiva. No entanto, espera-se que os alunos façam uso do computador não como ferramenta e sim como recurso tecnológico, já que a produção da revista deve

ser virtual e não uma revista de modelo impresso em meio virtual. Para tanto, retomam-se os conceitos que definem os termos mencionados.

2.2.1 As capas e o Letramento

O primeiro contato do leitor com uma revista geralmente acontece por intermédio da capa. Ela é o instrumento de valorização do conteúdo interno, buscando conquistar o público e fazer com que ele compre a revista. Ela tem como primeiro propósito comunicativo atrair a atenção do leitor. Para atingir esse objetivo, faz uso de elementos verbais e não verbais, constituindo assim um grande enunciador com poder de influenciar seu interlocutor.

No desenvolvimento deste trabalho, tomam-se, como referência, as propostas de letramento, no que diz respeito ao acúmulo de saberes e práticas culturais que permitem ao cidadão se apropriar da linguagem, fazendo com que seus conceitos e ideologias representem um fator primordial na construção do indivíduo em seu cotidiano social, laboral e comunicativo. Juntamente com esta perspectiva do letramento, será também feito uso de alguns conceitos desenvolvidos por Kress e Van Leeuwen (1996) no que tange à análise das capas. Os autores afirmam que, aplicando estes conceitos a um *texto multimodal*, sua composição (*função textual*) relaciona significados ideacionais e interpessoais através de três sistemas: (1) *valor informativo*, (2) *saliência* e (3) *enquadramento*, sendo que o valor informativo está diretamente relacionado com o local ou “zonas” da imagem, a qual pode ser posicionada à direita ou à esquerda, no centro ou na margem, no alto ou embaixo. A escolha de cada um desses lugares dá a ela um valor e uma importância diferentes. Já para a *saliência*, segundo Kress e Van Leeuwen, (1996), são usados efeitos que servem para atrair a atenção do espectador em relação a sua colocação na frente ou no fundo, ao seu tamanho, a sua cor, a sua nitidez, etc. Na questão do *enquadramento*, usam-se elementos que categorizam o modo como os elementos estão conectados, ou não, para dar sentido ao todo.

Como análise inicial, apresentam-se os resultados da capa da revista *Olhe* (figura 1)



Figura 1. Capa da Revista OLHE

Observando sua estrutura, pode-se afirmar que os alunos do contexto investigado que a desenvolveram são letrados, já que aplicam os conteúdos trabalhados em sala e suas observações de modelos tanto digitais quanto impressos. Entendida como unidade comunicativa, assim como os outros gêneros discursivos, uma capa de revista é um tipo relativamente estável de enunciado.

O nome OLHE da revista destaca-se por ser direto. Pode-se também observar que a imagem de um olho usada em substituição da letra inicial do nome da revista serve para reforçá-lo.

A figura central da mata e do rio que a serpenteia destaca-se de modo a ser o primeiro local no qual o leitor passa os olhos, mostrando um envolvimento direto com o assunto a ser abordado na reportagem principal e com o tema geral, qual seja uma matéria sobre a floresta amazônica. As imagens secundárias têm relação direta com os temas subsequentes. Conclui-se que o valor informativo da capa está completo, passando imediatamente ao leitor a ideia do tema principal.

Quanto à saliência, pode-se afirmar que os autores conseguem chamar a atenção do expectador, estando a imagem ampliada e posicionada à frente, de maneira nítida e com cores que se sobressaem às cores de fundo da capa, como o verde da mata da imagem central se sobressaindo ao verde de fundo da capa e também o destaque da impressão de relevo que as árvores provocam em contraste com o rio que a serpenteia.

Na questão do enquadramento, o uso de uma imagem grande central apresentando o tema principal da revista e imagens menores relacionadas direta ou indiretamente aos demais temas, que, no entanto, mantém o vínculo com o tema primeiro, mostra que os alunos conseguiram alcançar o objetivo principal, chamar a atenção do expectador e fazer com que ele saiba exatamente o tema abordado e suas ramificações.

A chamada para a reportagem principal não ofusca a imagem, nem tira sua atenção, complementando a compreensão da imagem e do tema, deixando claro o assunto a ser abordado de acordo com ele. As chamadas menores, referentes aos demais textos apresentados, seguem de forma coerente com a proposta da revista, estando todas voltadas à temática da vida e dos problemas ambientais.

A cor escolhida como plano de fundo completa a ideia temática de natureza e vida. Se for feito um *zoom*, isto é, uma aproximação, a imagem principal será o foco, e mesmo sem as chamadas, pode-se chegar à noção do tema geral a ser abordado.

Portando, seguindo os modelos aqui adotados como letramento, pode-se afirmar que a capa em questão é composta por todos os elementos (título, imagem, cores, diagramação) que a representam, tendo os alunos mostrado que sabem produzi-la de uma forma contextualizada, baseando-se em práticas vivenciadas por eles.

No que tange ao conceito de letramento aqui adotado, esta capa está, portanto, satisfatória, visto que as imagens escolhidas, as cores e a diagramação estão de acordo com o esperado.

Seguindo com as análises, discute-se, agora, a capa da revista *Politicamente Incorreta* (Figura 2).



Figura 2. Capa da revista *Politicamente Incorreta*

Observando sua estrutura, pode-se afirmar que os alunos que a desenvolveram também podem ser considerados letrados neste contexto de

produção de capa de revista, colocando em prática os conteúdos trabalhados em sala de aula e seus conhecimentos decorrentes de práticas que vivenciam fora dela.

O título POLITICAMENTE INCORRETA gera curiosidade pelo sinal de interrogação usado de em forma de destaque, preenchido por muitas imagens e pelo slogan que se encontra abaixo da imagem, e também pela escolha das palavras empregadas nele, principalmente a palavra Incorreta. Acompanhando o título escrito, pode-se observar a imagem de um símbolo matemático que tem seu nome semelhante à abreviação do nome da revista (PI), criando certo senso de humor e mostrando uma base de conhecimento mais profunda.

Localizado no meio da capa, o grande ponto de interrogação, formado por inúmeras imagens pequenas, passa a impressão de uma grande mistura de assuntos e ao mesmo tempo uma incerteza em relação aos assuntos abordados.

O valor informativo da imagem, entretanto, não está completo, pois o interlocutor não sabe ao certo o que vai encontrar no conteúdo da revista. A imagem principal não parece se referir ao texto principal, pois abaixo dela observa-se uma chamada um pouco ampla demais, que não chega a dar pistas reais do tema que será abordado na reportagem principal. Embora no meio da página, local de destaque, a imagem não segue o padrão de imagens principais de capa, que têm como intuito, adiantar ao leitor o que ele vai encontrar. Além disso, não há imagens secundárias, deixando o interlocutor, mais uma vez, sem saber o que encontrará na revista. As imagens têm, em sua maioria, a função de facilitar a compreensão logo no primeiro contato ou complementar algumas ideias expostas por escrito. Poucas são as vezes que a imagem por si traz toda a mensagem, quando está colocada na capa de uma revista. Uma segunda observação nos chama a atenção do uso de diversas fontes de letras, tornando a capa uma grande miscelânea de estilos, o que reforça a ideia confusa e difusa da revista.

Quanto à saliência, pode-se afirmar que os autores conseguem chamar a atenção do expectador, estando a imagem ampliada e na frente, de maneira nítida e com cores que se sobressaem às cores de fundo preto da capa. Porém, mesmo chamando a atenção, o interlocutor pode se sentir pouco motivado a continuar sua busca por informações gerais da revista. A imagem é muito chamativa, apelando para a curiosidade humana, mas pouco informativa.

Na questão do enquadramento, os alunos não conseguem criar uma conexão entre os elementos que aparecem na capa e o conteúdo que foi desenvolvido. Todos os elementos estão vagos, dando uma ideia superficial dos assuntos, o que acaba não dando um sentido geral dos objetivos da revista, fazendo com que o interlocutor possa não se interessar pela produção.

O modo como se apresenta a chamada para a reportagem principal, não ofusca a imagem central, porém não chama a atenção para ela. O uso de diferentes tipos de letras nas demais chamadas, por sua vez, mostra certa desorganização produtiva, criando, assim, uma imagem geral da capa que se mostra um pouco poluída com diferentes informações.

A cor escolhida como pano de fundo é uma cor forte, porém pesada, carregada e até negativa, muito usada quando se trata de luto por algum acontecimento. A mescla com a cor branca suaviza um pouco, e a imagem central repleta de cores também quebra um pouco a tensão criada pela cor de fundo, embora ela não seja capaz de minimizar o impacto do preto de uma maneira satisfatória.

Em relação à diagramação, tendo em vista a localização do título da imagem principal, das imagens secundárias, e do plano de fundo, a produção se mostra coerente, deixando o título e suas respectivas informações na parte superior da página, a imagem principal centralizada, junto com a chamada da reportagem principal, e as chamadas secundárias na lateral.

Portando, seguindo os modelos aqui adotados como letramento, pode-se afirmar que a capa em questão se enquadra com a proposta, tendo alguns quesitos mais fracos e inapropriados, mostrando aos alunos que, embora sejam letrados no reconhecimento do gênero “capa”, não conseguiram realizar uma produção pautada em detalhes importantes. No geral, a capa apresentada pode ser classificada como boa, contudo muitos detalhes empobrecem a produção diante do contexto e das possibilidades que poderiam ter sido exploradas.

Como análise final, apresentam-se os resultados da produção da capa da revista *Guará Sports* (Figura. 3, a

seguir).

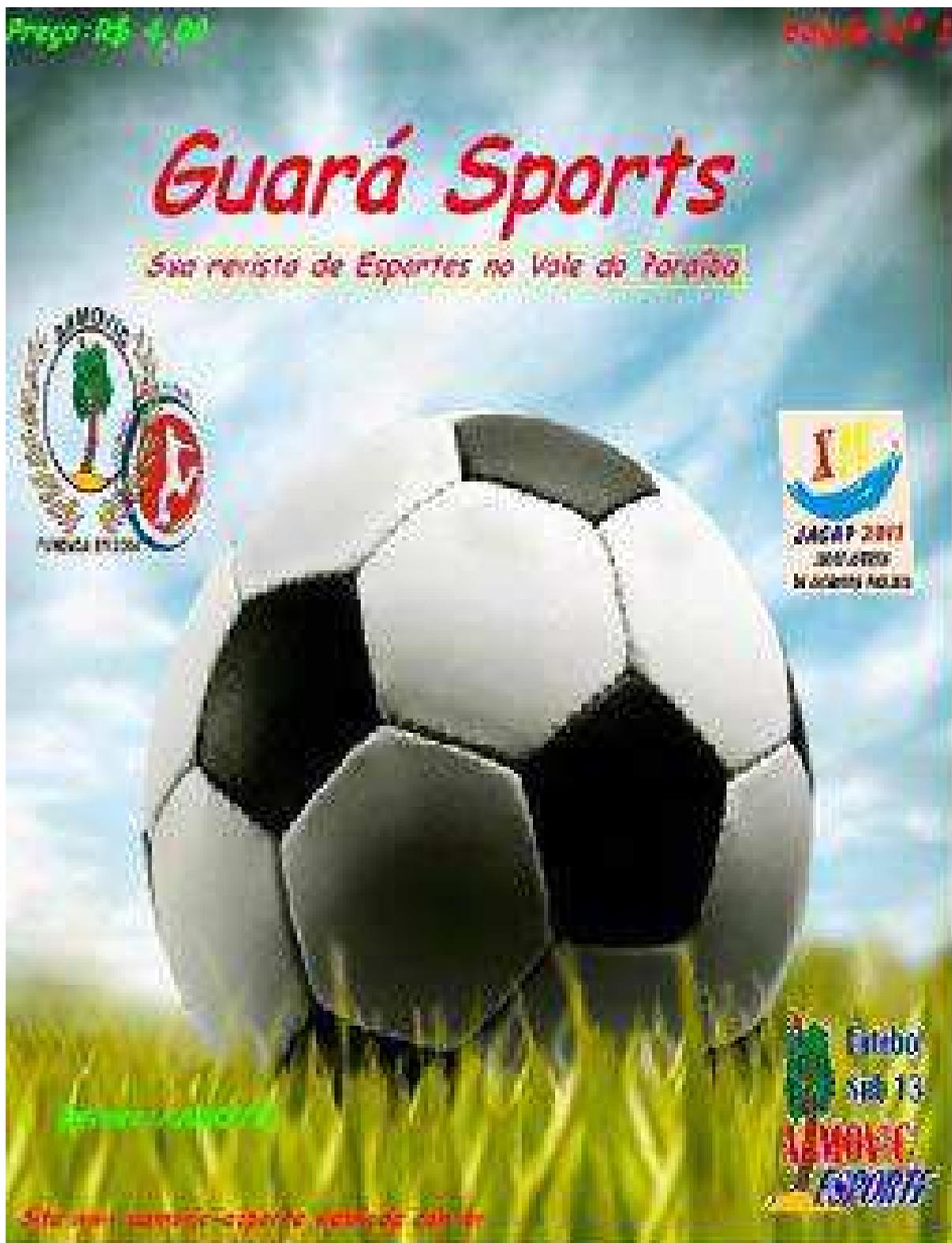


Figura 3. Capa da revista *Guará Sports*

Como estrutura geral, mais uma vez pode-se observar que, embora os alunos se mostrem letrados, no contexto de produção de uma capa de revista, de um modo geral, a capa não apresenta chamada para a reportagem principal, mas somente uma imagem de divulgação do evento que fundamenta a reportagem. Há também uma chamada para uma outra reportagem que não a principal. No contexto geral, o tema da revista pode, no entanto, ser observado com clareza.

O título GUARÁ SPORTS é específico, já informando o tema geral a ser abordado. A grande imagem da bola que está centralizada e em destaque na capa reforça a ideia do tema, pois localizada no primeiro local onde o leitor passa os olhos, ou seja, na área nobre. Conclui-se, portanto, que o valor informativo da imagem esta completo, passando ao leitor a ideia de importância do tema geral. A imagem principal está relacionada a todas as chamadas ou anúncios apresentados ao seu redor. As imagens secundárias, por sua vez, se referem aos emblemas utilizados para a divulgação dos eventos esportivos contemplados pela revista.

Quanto à saliência, pode-se afirmar que os autores conseguem chamar a atenção do expectador, principalmente daqueles que gostam de esportes, estando a imagem ampliada e na frente, de maneira nítida e com cores que se sobressaem ao plano de fundo da capa. O uso de luz e sombras, o efeito de proximidade da bola em relação ao interlocutor passam a impressão de que ele tem acesso direto a ela.

Quanto à questão do enquadramento, os usos de uma imagem grande central com o tema geral da revista e imagens menores ao redor da imagem principal, direta ou indiretamente ligados com ela, tornam a mensagem da revista direta ao interlocutor, chamando sua atenção e fazendo com que ele saiba exatamente o tema abordado e suas ramificações.

Não existe uma chamada para a reportagem principal, somente algumas pequenas menções de campeonatos, não ficando claro se serão esses os temas abordados ou se estão simplesmente servindo de imagens complementares ao assunto principal.

As cores usadas, junto com uma imagem do céu e da grama como pano de fundo, complementam a ideia central da bola. Se uma aproximação ou *zoom* for

feito, a imagem principal será tomada como foco, e mesmo sem as chamadas, é possível se ter a noção do tema geral a ser abordado.

Sendo o texto uma forma linguística de interação social, nas palavras de Halliday (1994), pode-se afirmar que, em relação ao nível de letramento esperado dos alunos, estes alcançaram o grande objetivo do trabalho. Dizemos níveis pois não há um ponto final para o letramento, e sim níveis, os quais vamos adquirindo conforme nossas experiências de vida e escolaridade.

2.2.2. As capas e o Letramento Digital

Como se sabe, uma produção textual ancorada nas teorias do Letramento Digital tem suas bases fundamentadas nas diferentes formas de comunicação oferecidas pelas novas tecnologias, indo além das interações com a escrita de forma linear, permitindo o uso de sons, imagens em movimento, vídeos. No ambiente digital, o texto não se limita a uma sequência de palavras que transmitem uma mensagem. A possibilidade de formação do contexto geral passa a pertencer ao leitor, que pode percorrer diferentes caminhos para a formação do conceito que deseja.

Partindo dos princípios de Letramento Digital acima citados, percebe-se que os alunos não obtiveram resultados satisfatórios em suas produções, seja por falta de conhecimento sobre o gênero capa em geral, seja por falta de percepção aos modelos expostos a eles, seja por falta de um conhecimento mais específico de como elaborar ma capa de revista, o que parece ser a causa principal. Porém, pôde-se observar que todas as produções foram baseadas nas experiências de observação que eles fizeram de exemplares de revistas *online* durante o ano, além de já habituados às revistas impressas. Uma possível razão para tal resultado seria o fato de que as revistas veiculadas em meio digital, que são chamadas de revistas virtuais, também não contemplam em seu desenvolvimento aspectos do letramento digital, não passando de meras reproduções das impressas, mas publicadas em ambiente virtual.

O letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e

escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 135).

Portanto, não se pode afirmar que a falta de características do Letramento Digital na produção dos alunos ocorre por falta de conhecimento do uso das ferramentas necessárias para tal produção. Conclui-se que os alunos produziram uma revista com base na versão impressa, e mesmo neste contexto impresso ainda estariam faltando as marcas presentes no gênero, mas por falta de conhecimento específico do gênero nela presentes, simplesmente não reconhecendo as variadas possibilidades do meio no qual a revista foi publicada, mesmo este meio tendo sido apresentado a eles durante o processo de produção da revista.

2.2.3 As Capas e a Linguagem Virtual

Para Amaral (2003), a Linguagem virtual é aquela adotada no uso das redes virtuais, a qual requer certas habilidades de escrita rápida para uma comunicação simultânea, o que gera um sistema paralelo ao utilizado na produção de textos escritos e a comunicação oral.

Na verdade, a proximidade entre a linguagem escrita e a linguagem oral, que ocorre com a utilização das ferramentas digitais, transformou o hábito de escrever, tornando-o mais popular. Para que haja a presença da linguagem virtual, é preciso dinamismo e interatividade entre os textos, permitindo que o leitor/observador seja corresponsável pela produção do “seu” texto, visto que a variedade de “rotas” ou “trilhas” de leitura que ele pode percorrer entre os textos é grande, já que pode acionar uma série de possibilidades de construção de sentido. Em tal construção, a utilização da hipermodalidade permite ao interlocutor ampliar as ocasiões de produção de sentido e enriquecer sua leitura. Com a linguagem linear, utilizada em meios impressos, o interlocutor, ao contrário, não tem como ampliar a capacidade de sentido de leitura do texto, visto que ele é único, no que diz respeito ao intercâmbio com outros textos que é possível com textos virtuais. Lamenta-se, então, o fato de que o ambiente escolar ainda não favorece o conteúdo o desenvolvimento do uso da linguagem virtual, visto que está pautado em textos impressos e lineares.

Assim, embora toda a produção da revista tenha sido feita em ambiente virtual, pode-se observar que os alunos não fizeram uso adequado da Linguagem Virtual em seu desenvolvimento.

Ao afirmar que uma pessoa é letrada, considera-se a forma como ela utiliza os recursos da língua para aprofundar suas interações sócio-histórico-culturais com o mundo, de modo a fazer uso de todas as possibilidades que a escrita pode oferecer. Já, ao se pensar em um indivíduo digitalmente letrado, deve-se assumir as diferenças que o ambiente virtual disponibiliza para o ato de escrever, permitindo, dessa maneira, que outras formas textuais sejam usadas de modo não linear. Isso permite ao interlocutor uma postura de coautoria do texto, tendo ele a possibilidade de decidir, de acordo com sua visão e necessidade, quais os trajetos que irá percorrer, focando nas partes mais importantes, de modo que, ao final, construa uma obra diferente das iniciais.

Para Marcuschi (2001), é a partir das práticas sociais, incluindo as atividades comunicativas constituídas socialmente, que se pode compreender as funções sociais que desempenham a leitura e a escrita, como elas se adaptam a várias culturas e como os indivíduos se apropriam delas.

Segundo Kleiman (1995), Rojo (1998), Rocha (2000) e Marcuschi (2001; 2005), para o indivíduo inserir-se socialmente, ele precisa ser capaz de compreender os usos sociais da leitura e da escrita, mesmo que não tenha o domínio de um código escrito. No caso deste trabalho, observou-se como alunos do 8º ano do ensino fundamental efetuaram a escolha do título e do tema de suas produções-revista, em relação à diagramação e à imagem. Para Soares (2005, página.) a concepção de letramento está na possibilidade de que a escrita possa trazer consequências de ordem social, cultural, política, econômica e linguística, “quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la”.

Na análise dos textos foram usados os mesmos critérios empreendidos na das capas, quais sejam: o valor informativo, a saliência e o enquadramento, para que, ao final, uma avaliação geral das produções possa ser feita.

2.2.4 As páginas iniciais: Título, Tema, imagens – Introdução ao texto.

Segundo o material didático de Língua Portuguesa da rede Salesianas, a estrutura básica de uma reportagem é apresentada com os seguintes elementos: a manchete ou título principal, que sempre aparece em destaque, com letras grandes, às vezes até coloridas para chamar a atenção do leitor; o título auxiliar, que também se pode chamar de subtítulo, o qual traz a complementação do título principal, fornecendo maiores detalhes sobre o assunto em destaque; o primeiro parágrafo, também conhecido como *lide*, que contém informações, as quais deverão obedecer uma sequência de perguntas como: O que acontece? Com quem acontece? Onde acontece? Como acontece? Quando acontece? Por que acontece?

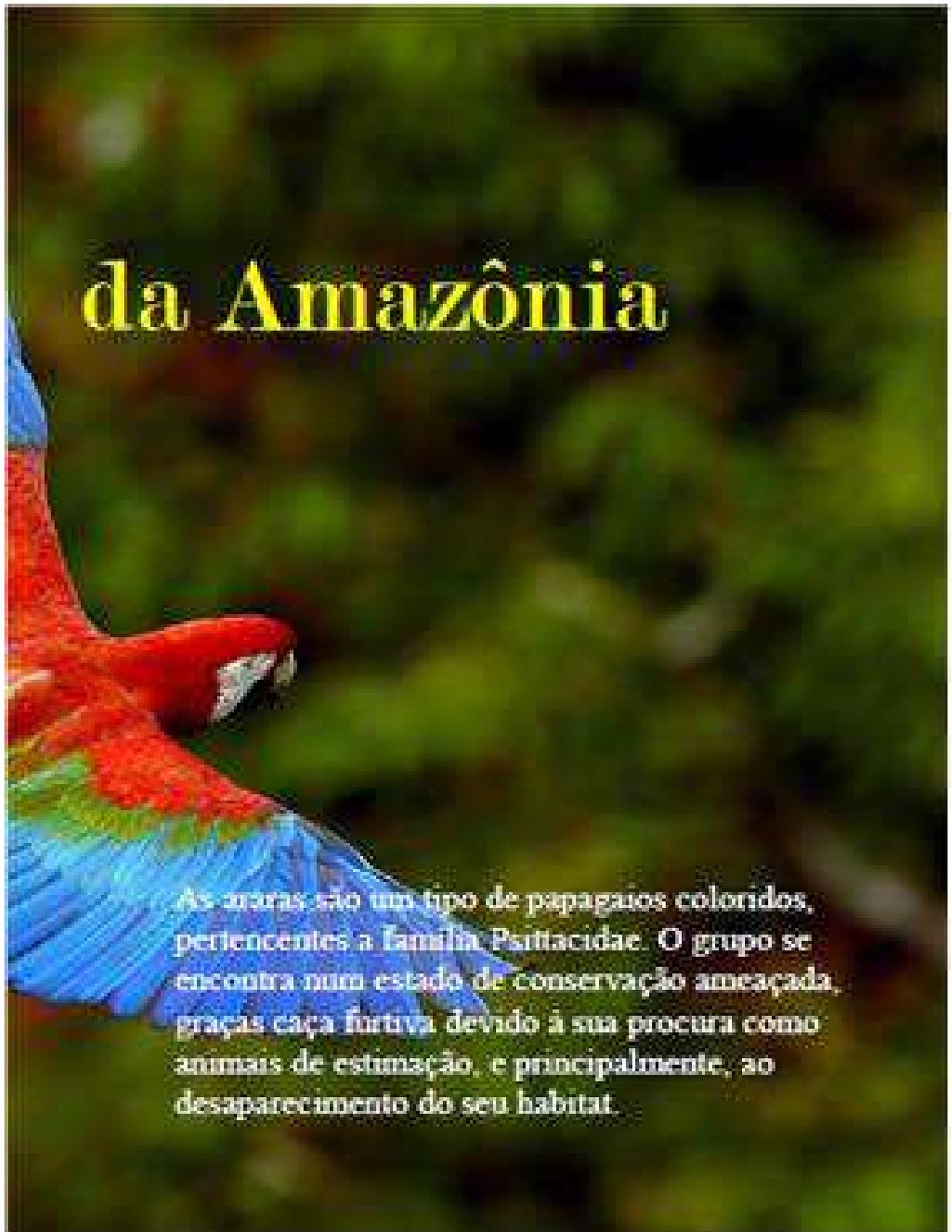
A Figura 4 será usada para ilustrar tais questões. As duas páginas iniciais da reportagem principal da Revista Olhe incluem os dois aspectos abordados pelo material didático adotado, a partir do qual o projeto de produção das revistas é desenvolvido, quais sejam o título e a lide .

Inicialmente, pode-se notar uma grande imagem usada como forma de tornar o tema mais atraente, sendo ela a imagem de um animal típico da Amazônia, local sobre o qual a reportagem tratará. Essa disposição entre imagem e texto mostra quem ambos possuem uma relação coerente entre si e entre o título, deixando claro o que será abordado durante a reportagem. Ao interlocutor ficam explícitos os laços simbólicos entre esses aspectos.



Reportagem

Descubra os segredos



da Amazônia

As araras são um tipo de papagaios coloridos, pertencentes a família Psittacidae. O grupo se encontra num estado de conservação ameaçada, graças caça furtiva devido à sua procura como animais de estimação, e principalmente, ao desaparecimento do seu habitat.

Figura 4. Reportagem principal da Revista Olhe

Essas duas páginas, que no desenvolver da revista se apresentam lado a lado, garantem ao interlocutor a construção da imagem e da chamada. Esta, por sua vez, contém as informações iniciais, ressaltando o valor informativo da capa inicial.

O enquadramento se dá de forma apelativa, uma vez que a imagem ocupa todo o espaço das duas páginas. O título, em cor amarela, está realçado em relação às cores da imagem em pano de fundo. Estando na parte superior das duas páginas, ocupa posição de destaque. Já o *lide* está centralizado na parte de baixo da página à direita, local secundário considerando-se a imagem como um todo, porém com saliência pela cor branca usada em seu texto.

No geral, nenhuma informação parece se sobrepor à outra, sendo, tanto texto escrito, quanto imagético, complementares entre si, formando assim um texto multimodal.

Já na página inicial da revista *Politicamente Incorreto* (Figura 5), nenhuma imagem é usada, e a reportagem já se inicia com a chamada, que por sua vez, usa o vocativo “Caro leitor incorreto” como forma de buscar a atenção dos interlocutores, criando um diálogo direto entre autor e leitor.

Curiosidades

Caro leitor incorreto, você deve estar se perguntando sobre qual é a finalidade dessa matéria e porque você leu esse artigo, não é mesmo? Bem, *Para as Dúvidas Incessantes* é uma reportagem feita para esclarecer algumas das dúvidas mais Incessantes que você um dia já se perguntou, caso você seja o nosso fiel leitor do tipo curioso, ou para aquelas dúvidas que nunca nem ao menos passaram pela sua cabeça, caso você seja o nosso quando leitor do tipo incorreto.

Sim, você deve ler sim a matéria, lhe garanto que você nunca mais vai ficar "boçando" com perguntas do tipo *Qual o quadro mais caro do Mundo?* Ou *O que são Fractais?*

Por isso aproveite bem a matéria com as dúvidas mais brilhantes e incessantes (e também as mais ferozes!), decifradas apenas para você!

Para As Dúvidas Incessantes

Por que o céu é azul?

Como pode ver começamos com uma dúvida já há muito antiga. Segundo os sites educação terra e brasilescola.com, essa dúvida tão incessante se explica assim:

A luz é formada por várias cores que se espalham ao contato com a atmosfera. Cada cor é formada por um comprimento de onda diferente. Logicamente os comprimentos de onda tendem a se espalharem de modos diferentes.

As ondas menores como, por exemplo, as da cor azul, podem se espalhar melhor na nossa atmosfera, desse modo é mais fácil para o azul se espalhar pelo céu ao invés de outras cores com maiores comprimentos de onda.

De tal modo na maior parte do dia o céu ganha a sua cor como já conhecemos. Mas de tarde a luz leva um maior caminho para nos atingir, já que nesses horários recebe-se a luz de maneira perpendicular, de distâncias e formas diferentes. De tal maneira o comprimento de onda que se sobressai é o da cor **laranja**.

Em outros planetas, como Marte, a cor do céu é diferente pelas porções de gases que compõem a sua atmosfera também serem diferentes, o que dá ao planeta **vermelho** os seus belos por dos sois **laranja**.

Figura 5. Reportagem principal da Revista *Politicamente Incorreto*

O título aparece entre a chamada e o início do texto. Embora com letras maiores do que as usadas na chamada e no texto em si, o título perde seu lugar de destaque, diminuindo a atenção do leitor para ele,.

Quanto à diagramação da página, observam-se vários fatores que tornam esta página confusa e cansativa, como o uso de diferentes fontes gráficas, dando ao texto um visual desorganizado. Também o uso de cores diferentes para compor as palavras "cores" e suas definições acarreta uma interpretação infantil à produção, ficando claro que os alunos ainda não se apropriaram de todas as características do gênero reportagem, seja pela forma superficial com que o assunto foi tratado pelo material didático, seja por falta de mais contato e análise de exemplares para percepção de características da diagramação.

Até o final do texto não se encontram as respostas para as perguntas propostas pelo material, mostrando que os alunos entenderam o formato composicional da página inicial, porém não conseguiram colocá-lo em prática, mostrando uma lacuna de conhecimento e que não estão totalmente letrados para a produção de uma revista. Também não são encontrados nenhum item que indique que os alunos sejam letrados digitalmente e nem o uso da linguagem virtual, possível no meio no qual a revista será veiculada. Mais uma vez, o resultado indica que os alunos utilizam o computador e seus programas como mera ferramenta de desenvolvimento do objetivo geral.

Quanto à reportagem principal da revista *Guará Sport* (Figura 6), pode-se observar que em sua primeira página não há imagens. Não usar imagens também é uma possibilidade na produção de uma reportagem, porém não muito frequentemente utilizada, pois ela pode acabar não sendo percebida entre outros textos com maior destaque. Toda a área disponível está preenchida com textos, sejam eles em primeiro plano ou em segundo, como a marca d'água utilizada. Essa sobreposição de textos gera certa dificuldade de leitura, visto que as letras se misturam e se confundem.



Figura 6. Reportagem principal da Revista Guará Sport

O texto é pequeno e mais parece um texto informativo, diferenciando-se de uma reportagem, que se aprofunda mais no assunto abordado. Seu formato se assemelha a uma chamada para um grande evento esportivo. Neste caso, a parte

inicial da reportagem principal e a própria reportagem estão numa mesma página, sendo realizada uma abordagem superficial e pouco exploratória do assunto.

A diagramação é simples e inacabada, estando o texto com uma configuração anormal para o estilo textual, fugindo do modelo que deveria ser desenvolvido, não estando justificado, com as marcas de parágrafos ou de enumeração de assuntos, visto que antes do início da primeira linha os autores fazem uso de uma marca em forma de ponto, geralmente utilizada para marcar o desenvolvimento de assuntos diversos ou enumerar assuntos correlacionados.

Os alunos também não respondem a todas as perguntas guias apresentadas pelo material didático, e as que são respondidas, são feitas de forma superficial.

Portanto, pode-se advertir que esta reportagem de uma página só foge aos parâmetros convencionais de uma reportagem principal para uma revista virtual, apontando, assim, que os alunos que a desenvolveram não estão suficientemente letrados a ponto de conseguirem produzir uma reportagem. Também não são letrados digitalmente, já que não se encontra algum indício de tal letramento, como também de linguagem virtual.

2.2.5 – O corpo das reportagens – seu desenvolvimento

Como é sabido, a reportagem principal tem a função de transmitir uma informação sobre um determinado tema. Ela traz, em seu conteúdo, a abordagem do assunto de forma mais profunda, como resultado de investigação e pesquisa, com diferentes apontamentos, uma vez que se exploram comentários de pessoas envolvidas no assunto, levantam-se questões, discutem-se assuntos, argumenta-se contra ou a favor dos fatos em uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente, deixando transparecer a capacidade intelectual, a criatividade e a sensibilidade de seu/s autor/es quanto aos fatos.

Como se pode notar, no desenvolvimento das reportagens ilustradas nas Figuras 7, 8 e 9, após a abordagem inicial, elas trazem o desenvolvimento do tema de modo mais aprofundado, permitindo que o leitor se localize, apontando o local de investigação, os possíveis envolvidos ou conhecedores profundos do assunto, com dados encontrados mediante pesquisa. Diferentemente de um texto simplesmente

informativo, as reportagens apontam diversos pontos de vista, deixando a cargo do leitor eleger um deles, de acordo com seus interesses e conhecimento sobre o assunto/tema.

Além do texto, as reportagens podem fazer uso de imagem, no intuito de garantir a compreensão de todos e de elucidar possíveis dúvidas.

Assim como já apontado anteriormente, o material didático traz algumas perguntas que auxiliam os alunos na forma de desenvolver a reportagem, pontuando alguns aspectos importantes necessários neste meio.

A análise do corpo dos reportagens será focada no conteúdo, e nas maneiras como os alunos o desenvolveram, sendo avaliados nas questões de letramento, letramento digital, se fizeram uso da linguagem virtual e ao final, se fizeram ou não uso de recursos tecnológicos no processo.

Na reportagem 1 (Figura 7), percebe-se que foi realizada uma extensa pesquisa, e que os alunos a desenvolveram de maneira quase satisfatória, pois eles localizam o leitor sobre o assunto, exploram o uso de imagens, trazem dados significativos para o melhor entendimento e exploram de maneira quantitativa o assunto. Porém, a metade final do texto é somente informativa, uma vez que não levanta nenhuma questão relevante sobre o tema escolhido, já que ele se configura como de grande importância para o Brasil, podendo, portanto, ter sido bem mais desenvolvido.

Os alunos também não exploram comentários de especialistas, não levantam nenhuma questão sobre o tema ser ou não importante, não discutem assuntos, não trazem alguma argumentação contra ou a favor dos fatos, não deixando transparecer sua capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos.

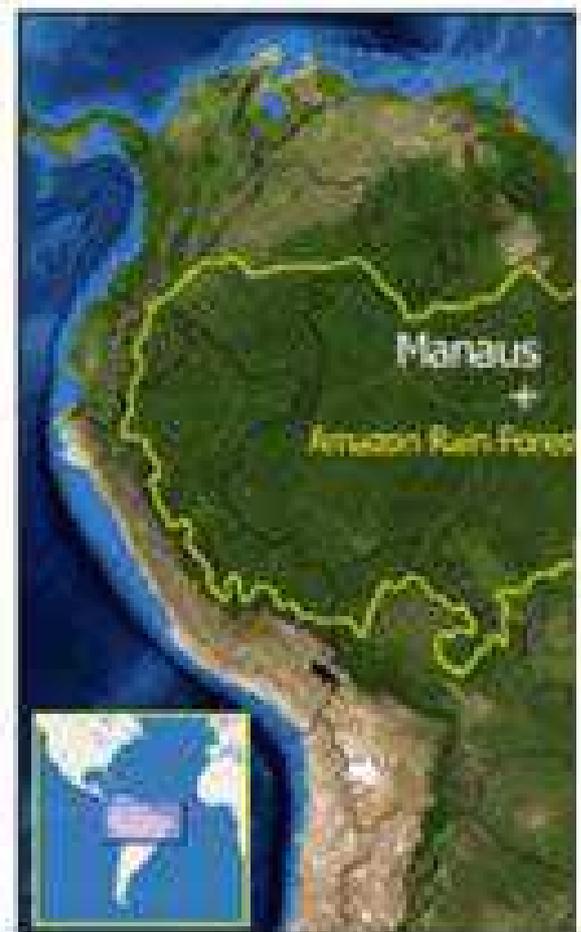
Pode-se, por fim, dizer que os alunos são letrados no uso da linguagem, e estruturalmente, mas não no desenvolvimento de uma reportagem. Como em todos os outros resultados anteriores, não há indícios de letramento digital nem de linguagem virtual, já que o uso do computador se dá como uma simples ferramenta e não como recurso tecnológico.

Reportagem

Introdução

A Floresta Amazônica é uma floresta latifoliada úmida que cobre a maior parte da Bacia Amazônica da América do Sul. Esta bacia abrange sete milhões de quilômetros quadrados, dos quais cinco milhões e meio de quilômetros quadrados são cobertos pela floresta tropical. Esta região inclui territórios pertencentes a nove nações.

A Floresta Amazônica é uma floresta tropical, sendo assim tem uma grande variedade de espécies. A região é o lar de cerca de 2,5 milhão de espécies de insetos, dezenas de milhares de plantas e cerca de 2.000 aves e mamíferos. Até o momento, pelo menos 40.000 espécies de plantas, 3.000 de peixes, 1.294 aves, 427 mamíferos, 428 anfíbios e 378 de répteis foram classificadas cientificamente na região. Um em cada cinco de todos os plantas no mundo vivem nas florestas tropicais da Amazônia. Os cientistas descobriram entre 96.660 e 128.843 espécies de invertebrados só no Brasil. Um quilômetro quadrado de floresta amazônica pode conter cerca de 90.790 toneladas métricas de plantas vivas!



Descubra os segredos da Amazônia

A Floresta Amazônica é uma das três maiores florestas do mundo, seu clima alternou-se entre frio-seco, quente-úmido e quente-seco. Na última fase "frio-seca", há cerca de 18 ou 12 mil anos, o clima amazônico era semi-árido, e o máximo de umidade ocorreu há sete mil anos. Na fase "sema-árida" predominaram as formações vegetais abertas, como cerrado e caatinga, como "refúgios" onde sobreviveram a floresta. Atualmente o cerrado sobrite em abrigos no interior da mata.



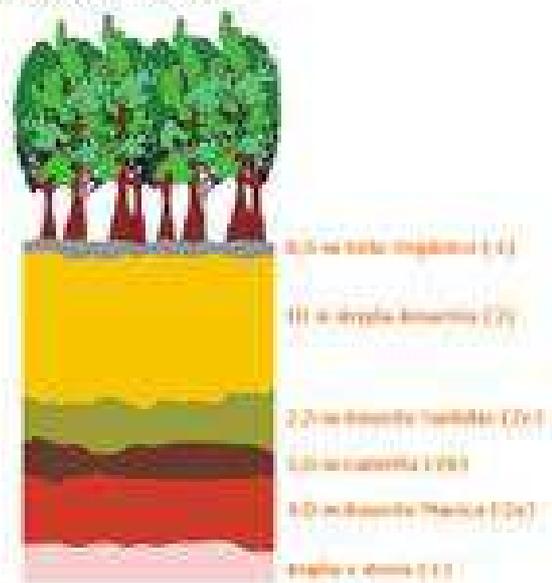
O Rio Amazonas, localizado na América do Sul, é o segundo mais extenso rio do mundo e de longe o com maior fluxo de água por volume, com uma média superior que a dos próximos sete maiores rios combinados. A Amazônia, que tem a maior bacia de drenagem do mundo, com cerca de 7 050 000 quilômetros quadrados, responsável por cerca de um quinto do fluxo pluvial total do mundo total.

Um evento que não é bom para a Amazônia é o seu desmatamento. Entre 1991 e 2000, a área total de floresta perdida na Amazônia rubin de 415 000 para 587 000 quilômetros quadrados, com a maioria da floresta desmatada sendo transformada em pastagens para o gado. Entretanto, segundo o relatório Avaliação do risco de degradação da Amazônia feito pelo Banco Mundial, cerca de 75% da floresta pode ser perdida até 2025.

Reportagem

O solo amazônico

O solo amazônico é bastante pobre, contendo apenas uma fina camada de nutrientes. Contudo, a flora e fauna mantêm-se em virtude do estado de equilíbrio atingido pelo ecossistema.



O Rio Amazonas é o segundo mais extenso rio do mundo e com o maior fluxo de água por vazão, com uma média superior que a dos próximos sete maiores rios combinados. A Amazônia, que tem a maior bacia de drenagem do mundo, com cerca de 7 050 000 quilômetros quadrados, é responsável por cerca de um quinto do fluxo pluvial total do mundo.

Descubra os segredos da Amazônia

Mamíferos

Nome popular: Aça
 Nome científico: *Iaporia terrestris*
 Informações: É o maior mamífero terrestre da fauna brasileira, podendo atingir dois metros de comprimento, por um metro de altura e pesar até 300 quilos. Machos e fêmeas não apresentam diferenças.
 Tamanho: até 2 metros de comprimento.



Nome popular: Onça-Pintada
 Nome científico: *Panthera onca*
 Informações: Possui aspecto robusto, por ter a mandíbula forte e a cabeça grande, é o maior representante dos felídeos registrados para a Amazônia.
 Tamanho: da ponta do focinho até a ponta do rabo pode ter de 1,54 até 2,70 metros.

Nome popular: Onça preta / Puma
 Nome científico: *Puma concolor*
 Informações: A onça preta, também chamada de puma, possui coloração do pelo geralmente marrom-amarelada como a dos veados. No lado ventral do corpo e em algumas regiões do focinho fica mais clara.
 Tamanho: da ponta do focinho até a ponta do rabo pode ter de 1,46 até 2,10 metros.



Reportagem

Insetos



Nome popular: *Bacuro-gigante*
 Nome científico: *Titanus giganteus*
 Família: *Cerambycidae*
 Informações: O maior inseto do planeta em termos de volume é o besouro *Titanus giganteus*, que pode chegar até aos 22 centímetros de comprimento e pesar 70 gramas.

Formigas

Um dos mais temíveis grupos de animais da floresta não são as onças, cobras, ou crocodilos, mas sim as formigas. Muitas formigas na floresta podem infligir excruciantes e dolorosas mordidas e picadas nos visitantes da floresta. As formiga Sul Americanas regionalmente famosas pelas suas mordidas, podem deixar a vítima com uma terrível dor durante horas.

No entanto, as formigas são um dos animais mais importantes e interessantes da floresta, dois exemplos são: exército de formiga e cortadoras de folhas.



Descubra os segredos da Amazônia

Peixes



Nome popular: Peixe-Boi Amazônico
 Nome científico: *Trichostema Amazonae*
 Informações: O corpo é de cor cinza escuro e seu corpo é grosso e resistente. Possui uma mancha branca na região do ventre.
 Tamanho: 3 metros de comprimento

Nome popular: Piranha-cabeça
 Nome científico: *Pygocentrus nattereri*
 Informações: Peixe de escamas, corpo rombóide e comprido, focinho curto, arredondado, mandíbula saliente e dentes afiados. Entre todas as piranhas é a que possui o focinho mais rombóide.
 Tamanho: de 20 a 40 cm.



Nome: Boto-cinza ou Boto-vermelho
 Nome científico: *Inia geoffrensis*
 Informações: É um golfinho fluvial presente nas bacias dos rios Amazonas e Orinoco.
 Tamanho:

Figura 7b. Reportagem 1 (continua)

Reportagem

Aves



Nome popular: Beija-Flor-de-Frente-Violeta

Nome científico: *Thalurania glaucopis*

Informações: É verde brilhante com capuz azul-violeta, penas da cauda azul-azul e bico preto. As partes inferiores da fêmea são branco-cinza e as penas laterais da cauda são brancas.

Tamanho: aproximadamente 11,3 centímetros.

Nome popular: Tacaço-de-Bico-Verde

Nome científico: *Ramphastos dicolorus*

Informações: Gostam de banhar-se na folhagem molhada pela chuva e costumam beber água acumulada nas bromélias.

Tamanho: Aproximadamente 48 centímetros.



Nome popular: Araçá-Bonona

Nome científico: *Pteroglossus bairdii*

Informações: O bico enorme é de cor oliva, com vermelho até a base. As partes superiores também são de cor oliva escura, mas brilhante e amarelado na frente, e o trapicho é de cor vermelha intensa; as partes inferiores apresentam uma cor amarelado-azulada.

Tamanho: 36 centímetros de comprimento total.



Descubra as curiosidades da Amazônia

Nome popular: Parquitão-Maracá
 Nome científico: *Aratinga leucophthalma*
 Informações: Vivem em bandos grandes, compostos de 30 a 40 aves ou mais e dançam coletivamente em variados lugares. É ave adaptável a ambientes alterados pelo homem.
 Tamanho: Aproximadamente 15 centímetros.



Nome popular: Aná Branco
 Nome científico: *Ceryle garra*
 Informações: Os seus ovos são relativamente muito grandes, tem de 17 a 20% o peso da fêmea. A cor dos ovos é verde-azulado, uma rede branca calcária em alto relevo se espalha sobre toda a superfície.
 Tamanho: 35 cm.

Nome popular: Aná-Preto
 Nome científico: *Crotophaga ani*
 Informações: Vive em paisagens abertas, com matos e capões entre pastos e jardins, ao longo das rodovias costuma ser quase a única que se vê, como habitante de lavouzas abandonadas. Prefere lugares úmidos.
 Tamanho:



Figura 7c. Reportagem 1

Já a reportagem 2 (Figura 8) traz uma grande diversidade de temas em uma só reportagem, desconfigurando o gênero textual. Isso se deva a uma orientação não muito eficiente do material didático, que embora não esteja sendo avaliado neste trabalho, não podemos ignorar sua influencia nas produções. Nenhuma das abordagens dos assuntos segue a proposta do material didático, respondendo as perguntas indicadas como necessárias para que uma reportagem seja considerada

adequada [boa]. O texto, como um todo, mais se parece com a produção de um almanaque, seguindo perguntas e repostas, com textos meramente informativos. Há somente uma introdução indicando vários temas, os quais, todavia, não são desenvolvidos. O texto também não apresenta uma conclusão.

Falta, ainda, uma organização visual, sendo que cada página faz uso de um tipo de letra, de cores diferentes e de imagens dispostas de maneira diferente, o que não cria um elo entre as páginas, elo esse necessário para se formar o corpo de uma reportagem. O único padrão usado é a numeração das páginas.

Portanto, pode-se avaliar que os alunos são letrados no uso da linguagem em geral, na elaboração de uma revista e sua estrutura como um todo, mas, no caso específico de uma reportagem, eles ainda não conseguem elaborá-la de modo adequado, mostrando que, mesmo em constante contato com o meio de comunicação revista, eles ainda não internalizaram sua real função comunicativa e informativa.

Nos demais requisitos como letramento digital e linguagem virtual, pode-se observar que não há indícios deles nos textos, mais uma vez mostrando que o computador foi utilizado somente como uma mera ferramenta que auxiliou no desenvolvimento do projeto proposto, uma vez que poderia ter sido substituída por outros tipos de ferramentas sem que isso causasse grandes diferenças para os resultados

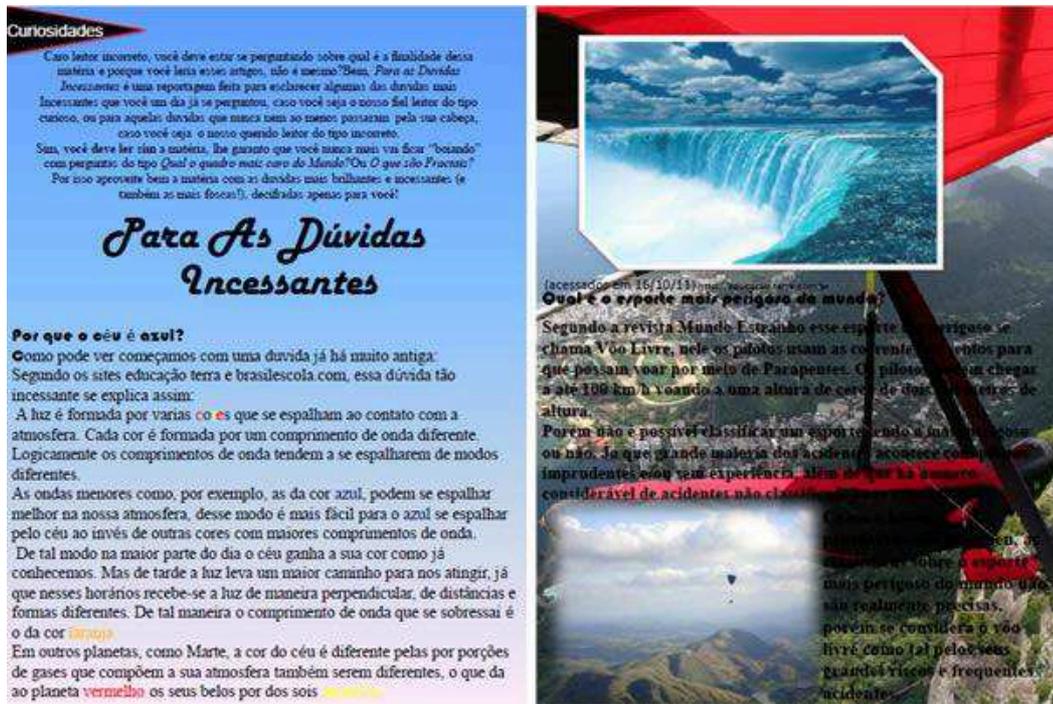


Figura 8a. Reportagem 2 (continua)

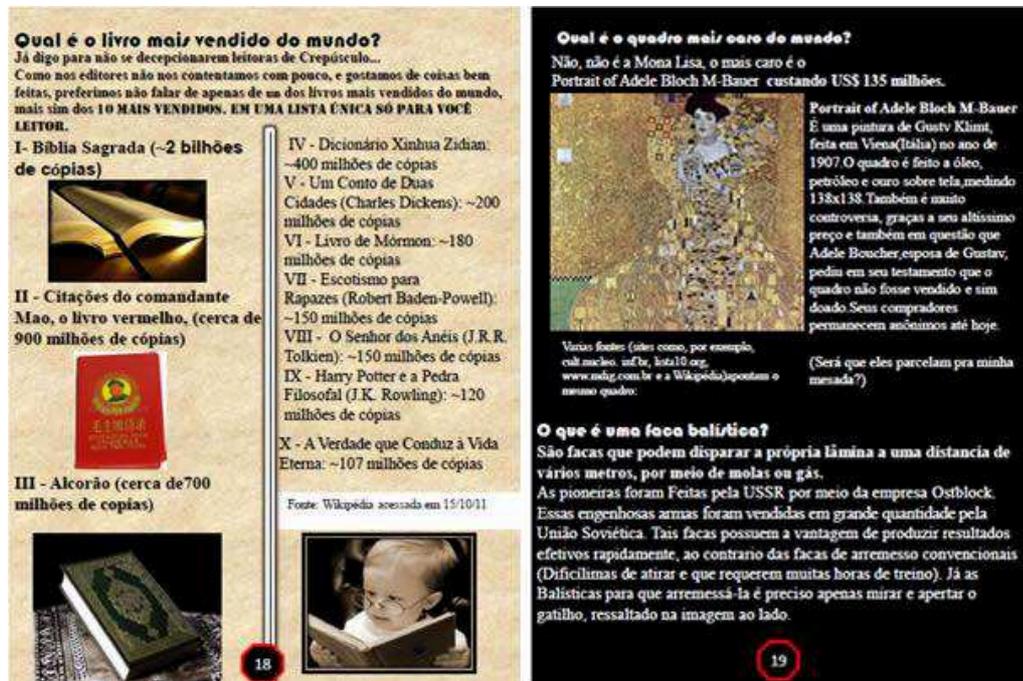


Figura 9a. Reportagem 2 (continua)



Figura 10a. Reportagem 2 (continua)



Figura 11a. Reportagem 2 (continua)

Qual é a cobra mais perigosa do mundo?



É Serpente Marinha de Bico. Considerando as serpentes. Em outros casos é considerada a Taipã-do-Interior como a mais venenosa, mas a sua mordida, com o máximo de veneno, tem 110mg suficiente para matar "apenas" 100 humanos adultos; já Serpente Marinha com poucos miligramas (cerca de 7) do seu veneno pode matar 1.000 homens. Apesar de tamanho e veneno esta pode se considerar como menos perigosa, apenas um quarto de suas mordidas é fatal e o "bichinho" é relativamente dócil. São encontradas no sudeste asiático e na Austrália, mas duvido que você queira encontrá-las...

Qual foi a epidemia mais mortal?



A pior epidemia de todas foi sem sombra de dúvida a peste negra. Que na estimativa mais "feliz" aponta 25 milhões de mortos, ou seja, um terço de toda a população da Europa do século XIV. Textos da época dizem que se podia ver a doença "andar" pelas ruas como algo material, também se acreditava que era a própria morte que lançava a peste, um castigo de deus aos pecados dos terrenos.

Fonte: Almanaque Top 10

24

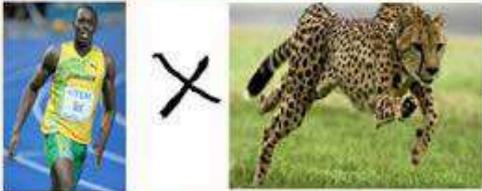
Qual é o animal mais veloz do mundo?

Segundo a Wikipédia, é o Guepardo, o *Acinonyx jubatus*. O Que já chegou correndo aqui na π (PI) nos seus incríveis 114 km/h. O nosso famoso felino pesa cerca de 38 a 43kg, vivendo na África e no Sudeste da Ásia.

O Guepardo é um animal carnívoro, um predador que gosta de caçar as suas presas através de perseguições a alta velocidade com uma estratégia simples e eficaz de sobreviver, tendo como sua principal presa as gazelas.

A anatomia desses animais é diferente dos demais felinos, os Guepardos têm longos rabos que lhes dão equilíbrio nas suas corridas; Eles também possuem garras não retráteis os que lhe dá maior tração com o solo; sua espinha é longa e flexível entre outras qualidades que parecem insistir que esses animais foram feitos para correr.

(Se Usain Bolt fosse um animal já até sei qual seria...)



Semelhança incontestável...

25

Figura 8c. Reportagem 2

No caso da reportagem 3 (Figura 9), considera-se realizada sua análise no item anterior 2.2.5 pelo fato de o assunto não ter sido desenvolvido, lembrando que os alunos foram considerados letrados quanto ao uso da linguagem, que se dá de forma simples e formal. Porém, ao deixarem de desenvolver o assunto, pontos de vista, situações e resultados diferenciados não foram apresentados, o que torna o texto meramente informativo, além do que também não apresentaram uma conclusão.

Neste caso também se faz ausente o letramento digital e a linguagem virtual, visto que o texto composto segue os modelos e as possibilidades de um texto impresso, mesmo tendo o ambiente virtual como meio de divulgação, ficando claro, mais uma vez, que o computador foi utilizado somente como ferramenta, auxiliando na elaboração do texto, mas não sendo explorado em suas possibilidades, seus recursos.

Resultados JACAP

- No dia 24/09/2011 a equipe sub 13 de Guará venceu as equipes do projeto viva e de Aparecida. A equipe de Guará jogou super bem os dois jogos, principalmente o primeiro jogo contra o Projeto Viva, nossa equipe sem reservas com apenas quatro jogadores em quadra (por falta de uniforme), e agüentaram toda a cansaço e venceram por 3a1. Já contra a equipe de Aparecida o jogo foi um pouco difícil, mas nossa equipe já estava com o time completo e superando todas as críticas vencemos por 3 a 2.
- Classificados a equipe de Guará estava chegando perto do título tinham que apenas vencer dois jogos contra o Sesi e o Setur as duas equipes de Cruzeiro. No primeiro jogo dia 30/10 iam pegar a equipe do Sesi e o jogo estava muito difícil, alguns jogadores estavam um pouco nervosos e prejudicaram a equipe e o jogo terminou 3a2 para a equipe do Sesi. Já no dia 5/11 nós iamos enfrentar a equipe do setur uma equipe fortíssima e o jogo estava difícil demais terminando 3 Setur 0 Guará e com isso nossa equipe foi eliminada.

Figura 09. Reportagem 3

2.3 Resultados das análises.

Esse item tem como objetivo retornar ao último item dos objetivos específicos e refletir sobre a contribuição do uso dos recursos da tecnologia digital para o multiletramento dos alunos a partir da produção dos textos analisados. Como se pôde observar durante a análise de todos os textos, em nenhum momento os alunos se mostram totalmente letrados se tomados os conceitos de Terzi (...) e Soares (...), de acordo com os quais letrado é aquele que consegue reconhecer a relação que indivíduos e comunidades estabelecem com a escrita nas interações sociais, relação esta que pode ser mais ou menos ampla, mais profunda ou mais superficial, dependendo do uso e do contato que se faz e se tem com a escrita; conforme o conhecimento/reconhecimento das situações sociais que envolvem esses usos, do significado que tais situações têm para a comunidade e para o indivíduo, das formas que o texto escrito pode ter para uma dada função social.

Dos três pontos analisados, capa, introdução, início da reportagem principal e o desenvolvimento da reportagem, somente as capas estão elaboradas de acordo com o que se espera de uma capa de revista virtual. Os dois itens seguintes são desenvolvidos de forma incompleta, não seguindo os padrões estipulados para o tipo de texto em questão embora, durante o desenvolvimento do projeto, os alunos tivessem o auxílio do material didático que abordava, ainda que em alguns momentos de forma superficial, as características importantes para o desenvolvimento de cada tipo textual que compõe uma revista virtual, com roteiros de escrita, perguntas que direcionavam as produções, pontuando características importantes para o desenvolvimento do texto.

Em relação aos outros itens analisados, não há indícios de letramento digital e linguagem digital, visto que, embora diante da proposta de publicação da revista em meio virtual, os alunos não se prenderam aos detalhes que diferenciam uma revista impressa de uma realmente virtual, a qual possibilita a criação de um texto multimodal, ou seja, um texto produzido a partir de diversos modos de linguagem, de forma a considerar todas as relações existentes entre esses modos. Na verdade, uma linguagem constituída de forma multimodal considera que o sentido advenha da relação textual estabelecida entre diferentes modos utilizados para sua constituição

como o uso simultâneo de textos verbais e não verbais, *links*, vídeos, sons, imagens em movimento, entre outros.

Portanto, para encerrar esta análise, um resumo das características encontradas nas produções é apresentado em forma de tabelas (tabelas 1 e 2), facilitando a visualização da avaliação final.

Tabela 1. Análise da Revista Olhe

Revista Olhe			
1) Letramento no nível de produção de revista	Capa	Reportagem: introdução	Reportagem: Corpo
Coerência textos/imagens	Muito bom	Muito bom	Bom
Cores e tema	Muito bom	Muito bom	Bom
Valor informativo	Muito bom	Muito bom	Regular
Saliência	Muito bom.	Muito bom.	Regular
Enquadramento	Muito bom.	Muito bom.	Bom
2) Letramento digital no nível de produção de revista			
Uso de links	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Uso de vídeos	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Uso de imagens em movimento	Inexistente	Inexistente	Inexistente
3) Linguagem virtual no nível de produção de revista	Inexistente	Inexistente	Inexistente

Tabela 2. Análise da Revista Politicamente Incorreta

Politicamente Incorreta			
1) Letramento no nível de produção de revista	Capa	Reportagem: introdução	Reportagem: corpo
Coerência textos/imagens	Muito bom	Regular	Regular
Cores e tema	Muito bom	Regular	Regular
Valor informativo	Bom	Regular	Regular
Saliência	Muito bom	Regular	Regular
Enquadramento	Bom	Bom	Regular
2) Letramento digital no nível de produção de revista			
Uso de links	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Uso de vídeos	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Uso de imagens em movimento	Inexistente	Inexistente	Inexistente
3) Linguagem virtual no nível de produção de revista	Inexistente	Inexistente	Inexistente

Tabela 3. Análise da Revista Guar4 Sport

Guar4 Sport			
1) Letramento no nível de produção de revista	Capa	Reportagem: introdução	Reportagem: Corpo
Coerência textos/imagens	Muito bom	Insatisfatório	Insatisfatório
Cores e tema	Muito bom	Insatisfatório	Insatisfatório
Valor informativo	Bom	Insatisfatório	Insatisfatório
Saliência	Muito bom.	Insatisfatório	Insatisfatório
Enquadramento	Muito bom.	Insatisfatório	Insatisfatório
2) Letramento no nível de produção de revista digital			
Uso de links	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Uso de vídeos	Inexistente	Inexistente	Inexistente
Uso de imagens em movimento	Inexistente	Inexistente	Inexistente
3) Linguagem virtual no nível de produção de revista	Inexistente	Inexistente	Inexistente

Observa-se que, embora o trabalho tenha sido voltado para a publicação de um modelo de revista em meio digital, os alunos não conseguiram se desvincular do modelo de revista impresso. Durante todo o processo de desenvolvimento da revista, os alunos foram instigados a observar as diferenças entre as possibilidades de uma revista impressa e uma virtual, embora, em poucos momentos, as revistas analisadas no meio virtual realmente fizessem uso de recursos tecnológicos em seu desenvolvimento. Nenhum quesito inerente às revistas virtuais foram exigidos para a produção dos alunos, embora durante as atividades desenvolvidas em sala, algumas possibilidades como uso de sons, imagens em movimento, recursos tecnológicos tenham sido sugeridas e muitas vezes utilizadas pelos alunos.

Para que eles pudessem ter obtido sucesso em suas produções, de forma coerente com a proposta, eles teriam que ter feito uso das ferramentas tecnológicas, tornando o meio digital o espaço para o uso de recursos tecnológicos possíveis somente neste espaço virtual. O computador teria que ter sido utilizado de forma a não ser somente a ferramenta de desenvolvimento do trabalho, mas sim um recurso utilizado para transformar a revista do padrão impresso para um modelo diferenciado, que ocupa o espaço virtual e desfruta de todas as suas possibilidades.

Portanto, percebe-se claramente que a educação escolar ainda não está totalmente desenvolvida para perceber que ter as ferramentas disponíveis em sala de aula não implica transformá-las em um recurso adequado para o desenvolvimento de aulas mais condizentes com as práticas sociais vividas fora dela, além de torná-las, assim, em aulas mais atraentes e inovadoras.

CONCLUSÃO

A presente seção abriga as considerações finais desse relato de pesquisa, relembrando que seu objetivo geral é verificar como o uso da tecnologia digital pode contribuir para o desenvolvimento da produção textual em aulas de Língua Portuguesa e seus objetivos específicos são: a) analisar a produção de três capas de revista elaboradas pelos alunos com relação ao aspecto da produção visual (imagens, chamadas, cores e diagramação); b) analisar três reportagens com relação aos aspectos tema, título, construção de texto, diagramação e imagens; c) refletir sobre a contribuição do uso dos recursos da tecnologia digital para o multiletramento dos alunos com base na produção dos textos analisados.

De acordo com os resultados da pesquisa, pode-se observar que o saber usar o computador como ferramenta tecnológica não implica necessariamente seu uso como recurso tecnológico. Embora os alunos sejam grandes conhecedores do uso das ferramentas pertencentes aos computadores, celulares, entre outros acessórios tecnológicos, ainda não conseguem fazer com que estes se tornem ricos recursos tecnológicos que poderiam auxiliar em suas formas de interagir com o mundo letrado para a produção de revistas publicadas em espaço virtual. Embora não tenham sido ensinados a fazerem uso do computador como recurso tecnológico, o que pode ser considerado uma das causas do uso do computador só como ferramenta, o fato de os próprios modelos de revistas digitais, no caso, ao que foram expostos, que também não faziam uso adequado do letramento digital com relação à revista pode ter levado os alunos a acreditarem que os modelos observados fossem o que poderia ser produzido no ambiente virtual, ficando claro assim que para um desenvolvimento completo do projeto seria necessária uma análise mais aprofundada em conjunto com os alunos dos modelos por eles analisados.

Todas as produções se mostraram aquém do desejado, tomando-se por base as características de um trabalho virtual. Porém, o que vale salientar é que, por ter sido um trabalho que não tinha como foco principal ensinar-lhes como usar o meio onde suas produções textuais seriam publicados, mas sim as próprias produções, acredita-se que o fato de saberem que o que fosse produzido seria vinculado ao meio virtual levou os alunos a se sentirem mais responsáveis pelas suas produções

e mais integrados às atividades desenvolvidas, além de seu envolvimento com o trabalho em equipe, do pensar coletivo, da responsabilidade pelo grupo.

Portanto, como resposta para a questão que deu origem a este trabalho, parece possível dizer que o fato de os textos terem sido produzidos com o auxílio de tecnologias digitais, mesmo que este mesmo uso não tenha sido efetivamente positivo do ponto de vista do desenvolvimento do uso de ferramentas como recursos tecnológicos. As revistas que foram produzidas se configuraram como trabalhos para serem impressos, não sendo o meio virtual, portanto, o local apropriado para sua divulgação, se for levado em conta as múltiplas possibilidades que este espaço oferece. Tais revistas equivalem, na verdade, a revistas impressas digitalizadas, o que não muda em nada a essência da revista de padrão impresso com a qual a maioria das pessoas ainda está acostumada.

Os resultados da análise, segundo as categorias especificadas, demonstraram que os alunos não estão totalmente letrados em relação à produção da revista. Isso se dá, em grande parte, pela falta de leitura, e de contato com este meio de publicação, fato crescente entre os adolescentes. Por esse motivo, eles foram mais bem sucedidos na elaboração das capas das revistas, pois estas permitem um contato imediato já que fazem uso de muitas imagens para chamar a atenção do seu público alvo. Quanto ao desenvolvimento das reportagens, nota-se a dificuldade dos alunos para desenvolverem um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão, partes essenciais para uma produção textual adequada.

As produções realizadas mostram que mesmo sem terem sido realizadas com a utilização das tecnologias como recurso, os alunos desenvolveram. Isso mostra o como o uso das tecnologias digitais em produções acadêmicas são um grande ganho pedagógico, incentivando a produção escrita com maior qualidade e interesse.

Já a questão da contribuição do uso dos recursos da tecnologia digital para o multiletramento, não se propôs que tal uso fosse desenvolvido como parte principal do projeto, embora com a escolha da mudança do meio de publicação da revista, ele tenha se mostrado fundamental para uma produção bem sucedida. Uma razão para

as lacunas encontradas nos resultados acima apontados seria a de eu ter pressuposto, como professora responsável pelo desenvolvimento do projeto com os alunos em questão, que o conhecimento que eles demonstraram durante as atividades virtuais desenvolvidas previamente à produção das revistas fosse suficiente para a produção da revista virtual, o que não permitiu que um trabalho mais aprofundado nesse sentido fosse realizado. Outra razão foi a de eu ter assumido que o professor de informática desses alunos tivesse aceitado o convite e o pedido de ajuda que lhe fiz para que em suas aulas de informática desenvolvesse o letramento digital para este contexto da revista, com eles, visando a que fossem bem sucedidos na tarefa, visto que ele fez elogios ao novo formato do projeto e se dispôs a ajudar no que fosse necessário. Vale ressaltar que, apesar do convite e do pedido, não foram feitos planejamentos conjuntos ou discutido o que cada um de nós faria quanto à questão do letramento digital necessário para o bomm. Portanto, pode-se finalmente concluir que, para o desenvolvimento dos multiletramentos, os professores precisam, primeiramente, ser multiletrados, deixando de se referir aos usos das tecnologias digitais como meras ferramentas de auxílio no desenvolvimento de algumas atividades pontuais. As tecnologias digitais são ricos terrenos com solo fértil para grandes plantações de ideias geniais, mas para isso, é preciso deixar de fazer uso somente das ferramentas tecnológicas, abrindo espaço para os recursos, que transformam e facilitam a vida de professores e alunos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. F. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord.). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAKHTIN, M. . **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAWDEN, D. **Origins and concepts of digital literacy**. New York: Peter Lang, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O ser social, o tempo e o sentido da existência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A .C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.144-162.
- BUCKINGHAM, D. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização** Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>_Acesso em 10/01/2013
- BUZATO, M. E. K. **Letramento digital abre portas para o conhecimento**. EducaRede. 2003; Disponível em: <http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_e_scola=14>. Acesso em 15/07/2011
- CAVALCANTE, Junior. **Sem título**. Disponível em <<http://www.cavalcantejunior.com.br/pdf/postscriptum/nocoes/pdf,>> Acesso em 15 fev.2012, 14:35.
- COPE, B. , KALANTZIS, M. **Multicultural Education: an equity framework**: South Australian Department of Education Curriculum Standards and Accountability Framework , Adelaide, South Australia Department of Education, 2000
- CORREIO DO POVO ON-LINE. Porto Alegre: **Correio do Povo On-line**. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br>>. Acesso em: 16 Set 2005.
- COSTA, S. R. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, S. R.(org.) **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DICIONÁRIO AURELIO 2012. Disponível em :
<<http://www.dicionariodoaurelio.com/Ferramenta.html>>. Acesso em : 03/02/2013

DIONÍSIO, M. L. Educação e os estudos atuais sobre o letramento. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1. 2007. p. 209-224.

ERSTAD, O. Trajectories of remixing – digital literacies, media production and schooling. In C. Lankshear, M. Knobel (eds.). **Digital literacies**. Concepts, Policies and Practices. New York: Peter Lang. 2008. p. 177-202.

GEE, P. **La ideología en los discursos: lingüística social y alfabetizaciones**. Tradução castelhana de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, 2005.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2nd. ed. London: Edward Arnold. 1994.

_____. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

_____. HASAN, R. **Language, context, and text**: Aspects of language in a social semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press. 1989.

KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolingüística. São Paulo: Ática.1986.

KLEIMAN, A. **Os Significados do Letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras,1995.

_____. SIGNORINI, I. (Org.). **O ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre - RS: Artes Médicas, 2001.

_____. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KRESS, G. Van LEEUWEN, T. **Reading images**: The grammar of visual design. London: Routledge. 1996.

_____. Front pages: The (critical) analysis of newspaper layout". In: A.Bell &P.Garret (Eds), **Approaches to Media Discourse**. Oxford: Blackwell.1998. p.186-219

_____. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold: Routledge, 2001.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica: do projeto a Implementação**. Porto Alegre: Artmed. 2008.

LEMKE, J. Multimedia Genres for Science Education and Scientific Literacy. In: M. Schleppegrell. M.C. Colombi (eds.). **Developing Advanced Literacy in First and Second Languages**. Mahwah, NJ: Erlbaum. 2002. p. 299-325.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, v.4, n.1, p.79-111, 2001.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTIN, A. **A framework for digital literacy**. DigEuLit working paper, 2006. Disponível em : <<http://digetulit.ec/docs/public.asp>>. Acesso em 2010.

MILLER, C. R. Gênero como ação social. In: **Estudos sobre Gênero textual, Agência e Tecnologia**. Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel (trad. e org.). Recife: Universitária da UFPE, 2009. p. 61 – 92.

MORAN, J; BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas : Papirus, 2006.

ROCHA, H. A. B. **A constituição de professoras leitoras: suas vidas entre a casa e a escola**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

ROJO, R. **Alfabetização e letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

SIGNORINI, I. Letramento e (in)flexibilidade comunicativa. In: KLEIMAN, Ângela B.(Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, nº25, jan/abr, 2005. Disponível em: <www.amped.org.br/rbe/aped_n25.art01.pdf>. Acesso em 21/08/2005.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**: Revista de Ciência da Educação / Centro de Estudos de Educação e Sociedade. Campinas: CEDES, vol. 23, n. 81, 2003.

_____. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Apresentado durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade', outubro de 2003. Disponível em:
<http://telecongresso.sesi.org.br/templates/heard/index.php?language=pt&modo=bi_biblioteca&act=categoria&cdcategoria=22>. Acesso em 27/08/2007

STREET. B. V. **Social literacies**. London : Longman. 1995.

TERZI, S. B. **A construção da Leitura**. Campinas: Pontes e Editora da Unicamp, 1995.

_____. Afinal, para que ensinar a língua escrita?: A formação do cidadão letrado. **Revista da Faced**, Universidade Federal da Bahia, n.7, p. 227-241, 2003.

_____. Transformações do letramento nas práticas locais. In: KLEIMAN, A. ; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2008, v. , p. 163-183.

_____.; PONTE, G. L. A identificação do cidadão no processo de letramento crítico (no prelo). **Revista Perspectiva**, UFSC, 2006.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

XAVIER, A. C. Letramento digital e ensino. In. SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.133-148.